This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

17188.

MISSÃO AO ZAIRE

POR

FRANCISCO ANTONIO PINTO

JUIZ DA PRIMEIRA VARA DE LOANDA

SETEMBRO DE 1882

RESEARCH INSTITUTE
APR 10 1962

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1885

DT
639
P56
1883

4377

MISSÃO AO ZAIRE

DE

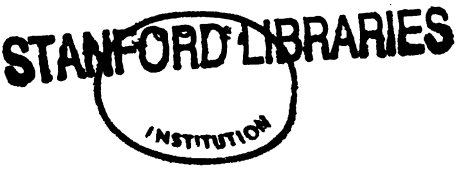
FRANCISCO ANTONIO PINTO

JUIZ DA PRIMEIRA VARA DE LOANDA

SETEMBRO DE 1882

STITUTE
APR 14 1962

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1885


STANFORD LIBRARIES
INSTITUTION

Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr.— Fui nomeado, por portaria provincial de 1 de julho de 1882, para ir visitar os portos do norte, desde o Ambriz até Mayumba, e os pontos das margens do rio Zaire, onde houvesse estabelecimentos commerciaes.

O fim da visita e as condições de a realisar foram-me assentes em instrucções com a mesma data da portaria que me nomeou.

Tinha de resolver por toda a parte, por meio de arbitragem, as questões pendentes entre subditos portuguezes e estrangeiros ou indigenas, e devia estudar os meios a empregar para irmos firmando a nossa influencia na costa do norte e rio Zaire, e destruindo os obstaculos á nossa futura occupação, tendo como norma d'esses meios a civilisação dos indigenas e a protecção dos portuguezes ali estabelecidos.

Recommendaram-se-me em especial as missões portuguezas ao norte do Zaire, a protecção aos serviçaes em todos os pontos a que temos direitos reservados, e em tudo prudencia e reserva salutares.

É muito pesado o encargo, e são para elle minguadas as minhas forças, mas a boa vontade suppriu o que pôde.

Tive de soffrear impulsos patrioticos, e restringi os meus projectos ao que me pareceu absolutamente indispensavel para trilhar o caminho direito e seguro de chegar ao fim que me tinha proposto.

Uma ou outra vez desço a minudencias, que parecem escusadas. Sel-o-hão. Mas faço-o por me parecer que não se tem escripto nem lido o sufficiente sobre o assumpto. Perdoem-me os eruditos a impertinencia e a rudeza da fórma, que a aggrava muito. Vou descrever a viagem e fazer as propostas e considerações que o estudo, do que vi e ouvi, suggeriu e formulou no meu espirito.

CAPITULO I

Embarquei a bordo da canhoneira *Bengo,* no dia 4 de junho, e saí do porto de Loanda, com direcção ao Banana, no dia seguinte de manhã.

Iam tambem para a missão do Congo um diacono e cinco familias de colonos, que levavam a seu cargo viveres, utensilios e madeiras. Estes objectos e os passageiros empachavam o navio, era preciso desembarcar tudo com brevidade. Alem d'isso tudo, tinha de partir de Noqui para o Congo, e só em Noqui se poderia providenciar o transporte, que é difficil e moroso.

Por estas rasões a canhoneira tratou de chegar a Noqui, o mais depressa que lhe foi possivel; e, com effeito, lá chegou no dia 8, tendo apenas entrado em Banana e tocado em Bôma para tomar praticos da barra e do rio.

O missionario, os colonos, as suas bagagens e a mais carga, tudo desembarcou e foi recolhido na feitoria de João Luiz da Rosa, que de bom grado offereceu hospedagem a todo o pessoal desembarcado, e o seu auxilio para se effectuarem os transportes até S. Salvador do Congo.

Os objectos embarcados e o seu auxilio precisariam perto de cem carregadores para o seu transporte. Quando vi tudo estendido na margem do rio e ponderei a falta de recursos de Noqui, não pude deixar de apontar no meu diario a seguinte nota: «Má distribuição e acondicionamento das cargas. Manifesta falta de bom senso, experiencia e economia dos nossos missionarios».

Que me perdoem essas almas respeitaveis, cheias de abnegação e sentimentos generosos. Eu não consigno aqui estas linhas senão com o intuito de lhes ser util a elles e ao meu paiz.

As cargas foram requisitadas, fornecidas e acondicionadas em Loanda sob a vigilancia dos missionarios, e entre elles estava, pelo menos, um, que sabe ou deve saber o que era necessario, e como devia acondicionar-se. E esse devia impedir que fossem comprados em Loanda muitas saccos de feijão por mais dinheiro do que elle custa no Congo, e de uma qualidade talvez inferior, para o transportar para lá, que só o custo do transporte de Noqui para S. Salvador é superior ao valor do feijão. Devia providenciar de modo que cada volume tivesse o peso e o formato conveniente para ser transportado por um carregador, porque em Noqui faltam os meios de af-

feiçoar e acondicionar as cargas, e alem d'isso o trabatho havido em Loanda, para as preparar bem, não era superior.

É preciso utilisar as lições da experiencia, e não perder de vista que o nosso paiz tem feito, e faz, muitos sacrificios para manter a missão do Congo.

Emquanto se tratava em Noqui do desembarque e accommodação do missionario, colonos, bagagens e mais carga, fiz uma excursão pelo rio acima n'uma canoa indigena. Fui até Vivi, aonde encontrei Stanley doente e em vesperas de partir para a Europa.

O chefe da estação, Otto Lindner, já meu conhecido, mostrou-me o estabelecimento e deu-me guias para uma pequena excursão a E. de Vivi. A estação de Vivi fica na margem direita do rio, e sobranceira a elle, em cima de uma trincheira que não tem menos de 60 metros de altura. É um bom ponto estrategico e marca o limite de E. do primeiro tracto navegavel do rio Zaire. D'ahi para o interior parte uma grosseira estrada, que vence os rapidos e cataractas do rio.

O estabelecimento tem no ponto mais culminante e desassombrado a casa do chefe. Em volta e a pouca distancia estão os armazens e casas dos empregados subalternos, e mais longe ficam as cubatas dos serviçaes, que, quasi na totalidade, são de Zanzibar. Os armazens estão cheios de artigos, proprios para a permutação com o gentio, armamento, viveres, carros, etc. No fundo do valle proximo ha uma boa horta.

Tambem vi algum gado muar e asinino, e pelas cercanias pastam muitos porcos, que, com alguma caça e gallinhas, constituem o fornecimento de carne fresca da estação.

Os empregados brancos são quasi todos belgas, francezes e allemães. Vi uns dez ou doze. Os serviçaes são de Zanzibar uns seiscentos, e alguns cabindas para serviço de embarcações.

Os transportes até Vivi fazem-se em vapores, e d'ahi continuam por terra com carregadores pretos. Os carros por ora não têem dado bom resultado.

Deve ser muito grande o capital empregado n'esta expedição, attenta a enorme despeza com pessoal e material.

Do que vi, e das informações que obtive, parece-me poder concluir que o fim proximo dos trabalhos de Stanley é commercial ou de qualquer fórma lucrativo. E creio que um dos alvos a que elle mira é a grande quantidade de marfim que se diz existir no alto Zaire e a O. da região dos lagos. Já foram expedidos para as estações orientaes muitos empregados

com pratica de compra de marfim e fazendas adequadas a permutação n'aquellas regiões.

Um pouco a montante de Vivi, no Ialalla, está, ainda bem conservado e em logar inaccessivel o padrão portuguez.

De Vivi para jusante encontram-se, na margem direita do rio, no sitio denominado *Chouzo*, duas feitorias, sendo uma de João Luiz da Rosa e outra do negociante Martins, e na margem esquerda no rio Iango-ango ou Hoango-ango está a missão ingleza protestante, uma feitoria da casa hollandeza e uma portugueza de João Luiz da Rosa.

Em Noqui, tambem na margem esquerda, existem duas feitorias portuguezas de Martins e Rosa, uma franceza e uma belga.

Logo que voltei a Noqui fiz as minhas ultimas recommendações ao bondoso padre Francisco, e exhortei os colonos a portarem-se de fórma que bem merecessem de Portugal, dando-lhes por essa occasião alguns conselhos, que a minha experiencia de viajar e viver no sertão me indicou.

A canhoneira levantou ferro, desceu o rio e veiu fundear em Bôma.

Entre Noqui e Bôma, de cima para baixo, ficam o Mussuco com duas feitorias hollandezas, uma do portuguez Rosa e uma franceza, Caia-Camazia com duas hollandezas, e Lamba Congo com uma do Rosa, todas na margem esquerda do rio.

Em Bôma, que fica na margem direita do rio, existem, a contar de cima: uma feitoria ingleza, de Hatton & Cookson; uma missão catholica franceza; duas feitorias de João Luiz da Rosa, sendo uma chefe; uma do portuguez Manuel Joaquim de Oliveira; outra da firma portugueza Valle & Azevedo; uma franceza; uma de Isaac Zagury; uma do portuguez Manuel Ferreira da Costa; e uma da companhia belga, resultado e complemento da expedição de Stanley, segundo dizem.

Fiz de Bôma centro das minhas excursões, para visitar todas as casas portuguezas do rio e notar o numero, local e importancia das estrangeiras. Estas excursões duraram quatro dias, e foram disfarçadas com a caça aos hippopotamos, abundantes por ali. E não foi mal escolhido o disfarce, porque matei dois e convenci os estrangeiros de que andava caçando.

Era preciso que elles não me julgassem enviado alí pelo governo para me deixarem ver e ouvir.

Em Bôma estava pendente uma questão de propriedade entre o portuguez Rosa e a missão franceza. Esta questão não pôde ser resolvida, porque quando Rosa chamou os padres ao nosso navio, estes disseram que já tinham pedido um navio de guerra francez para vir julgar a questão.

Á vista d'este procedimento dos padres francezes, inspirei a Rosa que não consentisse no julgamento da questão pelo navio francez, e expozesse o occorrido ao governo geral de Angola, pedindo-lhe providencias.

É possivel que a politica franceza influisse no animo dos padres; mas, mesmo quando assim não seja, deve pagar-se-lhes na mesma moeda a desconsideração feita á nossa arbitragem, que tem ali sido acceita e respeitada sempre.

O padre Antonio Carrie, prefeito das missões francezas, estava em Bôma, e eu aproveitei a occasião para lhe entregar o officio que levava de s. ex.ª rev.ma, e ouvir-lhe as espontaneidades, antes de elle ter tempo de reflectir e formular a resposta. Pareceu não ter duvida em consentir que a missão de Santo Antonio se ficasse chamando «Missão de Santo Antonio do real padroado portuguez de Angola e Congo», pedindo apenas, em troca, que o governo portuguez a protegesse contra as impertinencias dos mussorongos da vizinhança. Eu prometti que recommendaria o seu pedido.

Emquanto a missões portuguezas ao N. do Zaire, mostrou-se francez. Deseja muito o augmento da santa religião e o auxilio dos missionarios portuguezes dentro da area, que diz ser a da sua missão; mas entende que Portugal nada deve fazer n'esse sentido sem sujeição ao bispo do Gabão, cujos dominios espirituaes chegam ao rio Zaire.

Fez a historia da missão franceza, e declarou que a sua congregação estava tratando em Roma de a tornar independente do bispo do Gabão. De sorte que, segundo o padre Carrie, a missão franceza poderá ao N. do Zaire ser independente do bispo do Gabão, e no Congo do de Angola e Congo; mas a missão portugueza não poderá estabelecer-se ao N. do Zaire sem o benaplacito e suzerania do bispo do Gabão!

Parece francez o padre Antonio Carrie.

De Bôma para baixo, e na mesma margem, encontram-se no Chincaksa duas casas, no Congo quatro, em Passo Conde tres, no Sambueiro duas, no Loango tres, no Cassalla tres, no Catalla uma e em Porto da Lenha ou Ponta da Lenha tres. Todas são portuguezas, salvas as tres da Ponta da Lenha, a do Catalla, uma do Cassalla e outra de Loango.

Na margem esquerda descendo o rio, logo no ponto fronteiro a Bôma, está uma feitoria de Rosa, em Porto Luzo ou Quinuvio, e um pouco abaixo da Pedra do Feitiço, no Congoialla, estão tres portuguezas; mais abaixo, na Chichianga, outras tres tambem portuguezas; ainda abaixo, no Quiquia, outra portugueza; e, finalmente, no Sinda e Ponta do Sinda mais tres, tambem portuguezas.

Chegaram até este ponto as excursões que fiz de Bôma. Findo este serviço veiu a canhoneira de Bôma para Quissanga no dia 16 de julho. O padre Antonio Carrie pediu ao commandante uma passagem a bordo da canhoneira, de Bôma para o Banana. Foi-lhe concedida, e ainda se lhe conduziu uma porção de madeira para Landana. Era preciso dispor bem o padre Antonio para elle me recommendar para Landana, visto que elle não ia, para lá me mostrarem tudo e darem ensejo de estudar a organisação da missão chefe. Elle escreveu e recommendou-me, pedindo ainda uma passagem até Landana para um alumno da missão. Tambem lhe foi concedida esta passagem.

Na Quissanga ha tres casas, sendo duas portuguezas e uma hollandeza. No Madella, que é defronte, ha duas portuguezas. No Intea, por detrás da Quissanga, está estabelecido Chico Franco, principe de Cabinda, nosso affeiçoado e inimigo dos inglezes, e ali perto, no Vumpa, ha uma casa portugueza e outra hollandeza.

Visitei todos estes pontos, emquanto o navio esteve em Quissanga.

No dia 17 viemos fundear em Banana. Era possivel que para a realisação dos meus projectos fosse preciso obter terrenos em Banana, e isso hoje é cousa tão difficil, que ainda ha pouco a companhia belga deu 1:000 libras esterlinas por o terreno necessario para a collocação de uma casa.

Muito difficil será adquirir mais terreno na pequena peninsula de Banana, e, quando se consiga, já deve ficar longe do porto e sem canal para embarcações pequenas, nem logar para transportes por terra. Era preciso resolver o problema e trabalhar com ligeireza, porque ha muito quem pense em adquirir terrenos junto ao porto de Banana.

Fiz uma excursão pelos pantanos vizinhos. Metti-me por um mangal, que vegeta n'um charco fronteiro ao Banana, formando uma ilhota deshabitada, e que todos suppunham alagada nas preamares, e guindando-me pelas raizes do mangue para evitar o charco, lá fui encontrar dentro da ilhota os terrenos, de que suppunha vir a precisar. Mas a descoberta perdia o merecimento, se o terreno não fosse adquirido, porque os ambiciosos, e designadamente a casa hollandeza, iam immediatamente compral-o ao proprietario, que é o Nenulau, logo que tivessem conhecimento de que existia e estava desoccupado. Valeu-me o portuguez João Luiz da Rosa, que tinha vindo de Bôma na canhoneira.

Fui immediatamente com elle á sanzala do Nenulau, que fica a 1 legua do Banana, a pretexto de ir visital-o e levar-lhe

um presente. Rosa levava-lhe outro presente, e perguntava-lhe, como que por incidente, se elle queria vender a ilhota, que fica fronteira á povoação do Banana, para mandar construir lá um chimbeque (pequena casa indigena) de negocio.

O Nenulau acceitou a proposta, e o contrato fechou-se custando o terreno uns 100$000 réis, pouco mais ou menos. Rosa comprou-o para elle; mas, se o governo de Portugal ou de Angola precisar do terreno, para o applicar a qualquer fim de interesse geral ou particular, cedel-o-ha pelo preço do custo, reservando apenas para si um pedaço, em que vae collocar uma feitoria, e descontando no preço total a parte proporcional ao terreno com que ficar.

Foi-me necessario fazer isto, porque não estava auctorisado para adquirir terrenos.

Era urgente seguir para Cabinda e Landana, para ahi desembarcar a madeira e o passageiro da missão franceza. Por este motivo adiei as excursões que tinha de fazer partindo de Banana.

No dia 19 chegámos a Cabinda. Desembarquei com o commandante e visitei o povo do Boi Jack e a feitoria ingleza de Hatton & Cookson. Á noite visitei o barão de Cabinda e sondei-o. O homem é portuguez por conveniencia, e, talvez, por gratidão.

Os filhos João e Vicente estão perdendo o verniz, que trouxeram de Portugal. O Vicente tem mágua d'isso; o mais velho parece que não. O povo não gosta d'elles nem lhes liga importancia, e elles não sabem adquiril-a. Em vista do que lhes succede, e a outros educados por nós e á custa do thesouro publico, em parte, devem tomar-se providencias para que a educação dos principes pretos seja de futuro dirigida de modo a tornal-os uteis para elles e para nós.

A educação no trabalho manual e a profissional parecem-me preferiveis aos cursos superiores ou aos de habilitação para os cargos publicos. É preciso que com a educação não fiquem distanciados do seu povo, devendo prevenir-se e evitar-se a repulsão ou antipathia reciproca que d'ahi possa advir.

Fallei ao barão na possibilidade da fundação de uma missão civilisadora portugueza nos seus dominios, e o homem pareceu gostar do projecto, mas as suas terras são pequenas e muito povoadas; ha de ser difficil por esses motivos obter lá um terreno amplo para uma missão.

Mandou-me acompanhar n'uma excursão que fiz nos seus estados pelo filho João e outros, e elle não foi commigo por estar doente. O barão não é principe, mas tem uma impor-

tancia grande entre os principes de Cabinda, porque é civilisado e tem fama de rico.

O principal dos principes, seus alliados, é o Chico Franco, que é seu genro á moda do paiz. O Chico Franco com os seus alliados tiveram ha pouco guerra com outros principes de Cabinda, capitaneados por o de Loemba. Este venceu, mas ha quem diga que foi auxiliado pelos inglezes, que lhe deram polvora e espingardas aperfeiçoadas por intervenção da casa ingleza de Cabinda. Houve mais que uma pessoa que me asseverou isto.

O certo é que Loemba, desde o tempo da guerra, declarou-se amigo dos inglezes, e iça a bandeira ingleza na sua vivenda, e o povo já vae fallando o inglez sem ter esquecido ainda a lingua *dos brancos*. Alem d'isso, os navios de guerra inglezes, que ali vão muito a miudo, fazem propaganda britannica por todos os meios ao seu alcance, e intrigam-nos com o povo, dizendo-lhe que nós queremos tirar-lhes as terras.

O Loemba, porém, e o seu povo, são os unicos possuidos d'estes sentimentos, porque todos os outros principes e povos de Cabinda ou são nossos amigos, ou então nos são indifferentes, mas em todo o caso mais portuguezes do que inglezes.

O Chico Franco e o barão de Cabinda vão em breve travar nova lucta, para que já se estão preparando, contra o Loemba, e parece que o gerente da casa hollandeza pensa em auxiliar o Chico Franco, com a mira em que, vencendo elle, obrigará a casa ingleza a retirar de Cabinda, ficando assim a feitoria hollandeza de lá mais desassombrada.

É a inveja a estragar o commercio e a prejudicar-nos e aos indigenas.

O barão de Cabinda está velho, e diz-se que lhe succederá um sobrinho, chamado Frederico, que é empregado da casa hollandeza. Parece-me que é conveniente captar para nós as boas graças d'este successor e do Chico Franco, que provavelmente vae agora vencer o Loemba e ficar dispondo de Cabinda. A alliança d'estes dois póde conseguir-se por meio do barão, que nos é dedicado, e, a meu ver, deve alcançar-se, porque não tenha muita vontade d'isso.

Parece que o gerente em chefe, e os empregados superiores da casa, têem no corpo todas as cutiladas do Salvador Correia. Tanto elles nos odeiam!

As forças dos principes de Cabinda mereceram esse nome para se medirem reciprocamente; mas, para nós ou para qualquer paiz da Europa, não são de tomar a serio.

O melhor ponto para uma fortificação, que defenda a terra

e o porto, está tomado pela casa ingleza e pertence aos principaes amigos dos inglezes.

O barão declarou-se-me amigo dedicado dos portuguezes, e prompto para os servir em tudo, inclusive para a occupação; mas observou que este pensamento precisa de ser insinuado com muita prudencia, porque amedronta o povo. A causa d'este medo está na restricção das terras, que são todas cultivadas, e nas intrigas dos nossos fieis alliados.

Do Banana até Cabinda ha hoje só a casa do portuguez Oliveira na Moanda e uma feitoria hollandeza na Vista. Já houve mais umas cinco, que todas estão fechadas.

Em Cabinda está a feitoria chefe da casa Hatton & Cookson. duas da casa hollandeza, uma portugueza e outra ingleza, D'ahi até Landana só houve uma feitoria em Molembo, que está hoje fechada.

No dia 21, apenas fundeámos em Landana, appareceu logo a bordo uma embarcação propria para o desembarque na praia, pertencente á firma portugueza Castro & Leitão. Era mandada pelo socio Leitão, que a punha á disposição da canhoneira, e offerecia em terra a sua casa ao commandante, aos officiaes e a mim.

O homem já sabia que eu ia a bordo, e suspeitava, que não andava em simples digressão de recreio.

A casa hollandeza tambem me julgou em commissão, e isso prejudicava o meu serviço, se eu precisasse d'ella. Soube por mais de uma via, que ella prohibiu a todas as suas feitorias darem-me qualquer auxilio, ou informações mesmo. Isto foi talvez o resultado de alguma confidencia imprudente, que de Loanda se fez ao gerente em chefe. Esta casa suppõe-se tão grande como a Hollanda, e por isso talvez com direito de um dia lhe fazer presente de uma colonia nos territorios, a que temos direitos reservados!

A povoação de Landana fica do lado do sul do rio Chiloango ou Cacongo, a 2 kilometros de distancia d'elle, pouco mais ou menos. Fica á beira mar, e justamente no sitio, onde terminam os terrenos baixos do valle do rio, e começa a encosta do valle, que sobe para a planicie levemente accidentada, de Landana, Molembo e Cabinda.

Ha ali tres casas, sendo a principal da firma Castro & Leitão, uma franceza e outra hollandeza.

Os terrenos da encosta e parte do planalto, com 2 kilometros de largura e 2 de comprimento, pertencem á missão franceza. Na extremidade d'esses terrenos, mas dentro d'elles do lado do mar, está estabelecido o medico francez dr. Lucan n'uma vivenda muito pittoresca e saudavel, a que

chama Colibri. Este dr. Lucan é medico e pharmaceutico habil, segundo dizem, mas parece que não vive só dos seus honorarios clinicos e venda de medicamentos. É casado e vive com sua mulher. Affirma-se que elle gasta mais do que ganha. Vive na melhor harmonia com os padres da missão, affectando sempre não ter relações com elles.

Vão agora estabelecer-se irmãs da caridade junto ao dr. Lucan, e ainda dentro do terreno da missão. O local occupado pelo dr. Lucan e pelas irmãs da caridade é o melhor, e talvez o unico, proprio para uma fortificação, que defenda o porto, a foz do rio Chiloango, um grande tracto da sua extensão e a povoação de Landana, até o alcance da artilheria para o interior.

Póde tudo isto ser obra do acaso, mas a occupação d'este ponto pela missão franceza e a existencia ali do dr. Lucan nas condições em que está, deixam suspeitar por parte da França o desenvolvimento de um plano, que nos deve chamar a attenção e pôr de sobreaviso.

A missão de Landana fica para o lado do interior do Colibri e dos negociantes. Tem capella, casas de habitação, escolas e officinas, tudo de madeira americana, européa e da localidade, e tem ainda chimbeque (pequenas casas indigenas) kiosques e sombras, tudo construido com algum gosto e muita economia.

O terreno está quasi todo arroteado, arruado e plantado de mandioca, arvores de fructa, ginguba, jardim e horta. As ruas têem nomes de outras celebres da França. O pomar tem já fructas muito variadas e em grande abundancia. No jardim estão colleccionadas algumas flores silvestres, e a plantação da mandioca é tão grande, que deve exceder já muito o consumo da missão. As ruas estão todas muito limpas de capim e barrocas, de modo que offerecem muito transporte facil e passeios agradaveis.

Os cercados e as divisões interiores obtiveram-se plantando em linha arbustos espinhosos e muito duros (pau campeche), que depois de crescerem formam uma sebada muito espessa, forte e economica. Têem acclimado muitas arvores de fructo e plantas uteis das diversas partes do mundo.

A missão não tem gados por os terrenos serem acanhados e não os haver perto proprios para pastagens. Tem apenas gallinhas e pombos.

Dá-se até o caso de os padres já irem incommodando os negociantes, porque lhes matam os porcos, que entram nas plantações. Os negociantes soffrem com isso, porque estavam habituados a trazer os porcos ás soltas, e sem lhes dar sustento.

Os padres, porém, sabem logo desfazer os azedumes, dando muitas satisfações. Bem sabem elles, que se estabeleram ali á sombra de importancia dos negociantes, e especialmente da casa Castro & Leitão, e tambem não ignoram que esta protecção ainda hoje lhes é precisa.

Esta é com certeza a principal causa das satisfações, que dão e das desculpas que pedem.

As edificações da missão estão dispersas n'uma quarta parte dos seus terrenos a pequena distancia umas das outras. São quasi todas de taboado americano ou indigena, sem trabalho de plaina, ou com muito pouco, pregado singelamente sobre as vigas e forquilhas, quasi todas cortadas e apparelhadas na localidade. As principaes são caiadas por fóra e por dentro segundo o conselho da hygiene e da economia, creio eu.

A igreja com as suas dependencias constitue a principal das casas. Tem côro, teia, confessionarios, genuflexorio, e um só altar com o seu supedaneo, banqueta, imagens e sacrario. Tem ao lado da porta principal um pequeno orgão portatil, e pias de agua benta junto das duas portas. Do tecto pende um pobre lustre de vidrilhos, lata e arame. Por detraz do altar ficam a sacristia com o indispensavel para o exercicio do culto de um lado, e do outro uma pequena capella com um só altar, onde o superior celebra a missa.

Todo o aspecto interior da igreja, capella e sacristia é alegre, risonho e muito modesto.

As duas casas mais importantes depois da igreja servem uma para habitação dos padres, e a outra para o superior, bibliotheca e casa de jantar dos missionarios. Tem ainda casas mais pequenas, que servem para habitação dos mestres de officios. Ha duas, que servem para a instrucção primaria elementar uma, e a outra para a complementar, e ainda se vêem outras mais pequenas, que servem para alojamento dos rapazes da missão, cozinha, despensa, celeiro, etc. Estas ultimas são tão pobres, que parecem construidas pelos indigenas para seu uso.

Nas casas, que servem de escolas, estão patentes os regulamentos da missão e os programmas de ensino. Por ahi vi eu que as creanças educadas por este estabelecimento religioso aprendem da religião tão sómente, o que nas nossas escolas de instrucção primaria se lhes ensina.

O resto do programma de ensino é talvez mais pobre que o nosso.

Mas no que diz respeito ao desenvolvimento do corpo, trabalho manual, exercicios gymnasticos, recreios, alimentação, limpeza, etc., pareceu-me muito mais desenvolvido. E em todo

o caso o programma geral de educação das creanças pareceu-me optimo e digno de ser copiado por nós na educação das creanças pretas.

Os padres que são uns oito, vestem sotaina branca e usam chapéu com forro branco por fóra e guarda sol branco forrado de preto por dentro. Andam sempre a pé. Em casa vivem com certa commodidade, mas modestamente. São elles os directores das obras da missão. Dirigem, riscam, cortam, calculam, e quando ignoram alguma cousa, consultam-se ou recorrem aos livros.

Ha na missão alguns operarios francezes, que trabalham, e ensinam artes e officios. Tambem usam chapéu e fato proprios para os resguardar da acção do sol. Vivem todos na melhor harmonia com os negociantes vizinhos, apesar de nenhum lhes acceitar o governo espiritual, por serem todos livres pensadores.

Os empregados e serviçaes dos negociantes imitam os patrões em sentimentos e praticas religiosas.

Os padres tentaram vender bullas em Landana, e intitular-se *parochos da freguezia* para com o portuguez João J. R. Leitão, da firma Castro & Leitão, mas este respondeu-lhes com bons modos, que não podia consideral-os parochos de Landana, sem que o governo de Portugal assim o determinasse primeiro. Retrahiram-se immediatamente, protestando que não faziam politica.

Os padres adquiriram por compra todos os educandos da missão, que são cento e doze rapazes de entre cinco a dezoito annos. Trazem-nos vestidos, como em geral o andam os moleques nas casas, que não têem luxo n'isso, com um simples panno de riscado, cingindo os rins. Estas creanças fazem todo o serviço da missão, desde a agricultura e carretos até o serviço particular dos padres.

Todas as horas estão regularmente occupadas e entresachadas de trabalho manual, aprendizagem, escola, instrucção religiosa e exercicios espirituaes. Mas a religião toma-lhes pouco tempo. O recreio succede-se sempre á occupação mais impertinente para elles.

Em certos dias da semana aprendem gymnastica, esgrima e natação. Aproveitam a circumstancia de estarem perto do mar para aprenderem a remar, nadar e pescar. De tudo sabem já um pouco. Fallam todos o francez, mas têem um dia da semana para fallar lingua de *fiate* (designação indigena da lingua indigena que me parece a corrupção da palavra portugueza, filhote, havendo esta mesma designação no Zaire e em Cabinda) e outro para fallar portuguez.

O padre Antonio Carrie, o superior da missão, é o professor d'esta lingua, que estudou em Portugal.

Reina a maior disciplina entre os educandos, que são em tudo e sempre acompanhados pelos padres e pelos mestres.

Os padres nem mesmo tentam catechisar o gentio da vizinhança, que não comprehende o fim para que elles ali estão, visto que não é para negociar.

Quando os padres quizeram educar-lhes os filhos, e os pediram para isso, obtiveram em resposta que só lh'os dariam, quando pagassem, como pagam os negociantes que os tomam para serventes. E nem assim conseguiram nada, porque os paes retiravam os filhos com qualquer pretexto futil, muito antes de estarem educados.

D'aqui resulta o extremo de comprar proselytos, a que elles se viram reduzidos e perante o qual não recuaram.

A missão de Landana é a superior, e é lá que os padres recem-chegados de França se acclimam e fazem a sua aprèndizagem. N'esta aprendizagem vae incluido o estudo da lingua portugueza, que lhe é indispensavel, já ali, já nas outras missões. Está montada em condições tão economicas, que me parece não gastará mais do que produz, e, se tivesse perto um mercado consumidor dos seus productos, teria mesmo lucros consideraveis. Assim mesmo já habituou os negociantes de Landana e Cabinda a comprar-lhe as fructas e hortaliças a dinheiro. Em mandioca podia fazer muito.

O negociante Leitão, que nos recebeu em sua casa e tratou com bizarria, acompanhou-me e apresentou-me, como particular, em todas as casas de Laudana, e deu-me todas as informações, e facilitou-me todas as excursões que fiz para estudar a localidade e suas circumstancias. Tambem me acompanhou á povoação do Chiloango, sita na foz do rio e constante de quatro casas, sendo duas inglezas e duas portuguezas, de Castro & Leitão uma, e outra de Valle & Azevedo.

Naveguei em canoa pelo rio acima algumas milhas, e visitei duas das muitas feitorias portuguezas, que lá existem, filiaes das casas Castro & Leitão e Valle & Azevedo. As casas inglezas tambem lá têem filiaes. O rio é estreito e affrontado por uma vegetação arborea luxuriante, mas apesar d'isso é navegavel durante umas 60 milhas para navios a vapor de 500 toneladas. A foz é estreita, areada e tormentosa, como em geral o são as fozes dos pequenos rios da costa, e não dá facil ingresso mesmo a lanchas ou palhabotes. Ainda assim ha uma grande navegação de canoas e pequenas embarcações, que fazem os transportes do grande commercio do rio.

O gentio das proximidades é atrevido, irrequieto e por vezes ladrão, a ponto de obrigar os negociantes a empregar a força para o conter. Costuma com os mais futeis pretextos impedir o transito de embarcações no rio (pôr chiqueiros), e e com isso paralysar o commercio do Chiloango e Landana. Declarado o chiqueiro perseguem e roubam qualquer embarcação que appareça, emboscando-se no arvoredo das margens, e fazendo d'ahi um tiroteio terrivel sobre as embarcações, até que se rendam.

A repetição d'estes factos obrigou a casa Castro & Leitão a comprar um vapor construido de proposito para os transportes do rio, e para resistir, e atacar mesmo, o gentio emboscado no arvoredo. Esse vapor precisou de um leve concerto, creio que de alguns tubos na caldeira, e tanto bastou para que ficasse parado ha mais de seis mezes, e o gentio repetisse a sua pilhagem no rio.

Graças, porém, ao bom senso e força do negociante Leitão, a quem todos os outros obedecem e respeitam, como chefe, o principe dos piratas foi preso, e está em casa d'este negociante para ser julgado pelos outros principes, que são prejudicados, como os negociantes, com a falta de commercio. Provavelmente será condemnado á morte, mas esta pena póde remir-se, segundo as leis gentilicas, dando elle um escravo, que morra em seu logar. E não será difficil ao principe dar um escravo, porque tem muitos e fica-lhe o pulso livre para roubar, e com o producto do roubo adquirir mais.

Esta serie de injustiças e barbaridades evita-se, sendo o principe condemnado a ser entregue ao *maniputo;* e os negociantes facilmente obterão isso do tribunal. Assim ficarão elles livres de um grande ladrão, e intimidarão os outros para que deixem de o ser.

É só precisa uma condição da parte do governo, o ladrão não voltará jamais á sua terra. Os negociantes de Landana pedem isto ao governo portuguez, e eu entendo que devem ser servidos para bem d'elles, e principalmente para conservar e augmentar o nosso prestigio e força ali.

Depois de me ter assegurado da importancia, prudencia e sentimentos patrioticos do negociante Leitão, confiei-lhe o fim da minha commissão, e obtive d'elle a promessa de nos auxiliar, tanto quanto podesse, na nacionalisação da missão de Landana e na organisação de uma companhia, de que fallarei adiante.

Se a missão de Landana não esconde um fim e um plano da politica franceza, será facil nacionalisal-a, dando-lhe titulos e introduzindo-lhe padres portuguezes. No caso supposto os

padres annuirão aos nossos, exigindo apenas a protecção do governo portuguez e um pequeno subsidio. Leitão contribuirá para isso fazendo-se catholico com todos os seus empregados e serviçaes, que são muitos, e levando a isso todos os outros negociantes d'ali.

Esta prespectiva deve seduzir missionarios verdadeiramente crentes. A negociação deve ser feita por intermedio dos padres Antunes e Duparquet, missionarios da Huilla. É muito importante para a nossa politica esta acquisição, já porque conseguimos uma escola optima para os nossos missionarios, já porque nos assenhoriâmos do melhor ponto para a posse do extremo N. dos nossos direitos reservados, que tão descuidosamente deixámos passar para mãos estrangeiras.

No dia 23 fundeámos em Maiumba (os naturaes dizem Maiombe) e ouvimos o portuguez Bento Margarinhas, que tinha pedido a intervenção de um navio de guerra. Veiu a bordo de proposito para declarar, que já não precisava da intervenção do navio. O homem fôra preso pelo gentio, como penhor da satisfação de uns aggravos, que tinha dos empregados da feitoria da casa Hatton & Cookson d'ali, mas a questão estava resolvida, e o homem estava solto. Já nos preparavamos para levantar ferro e navegar para o sul, quando tivemos aviso de que o portuguez de Loanda, Pedro de Alcantara de Carvalho, estabelecido um pouco ao N. no sitio denominado Panga reclamava a nossa intervenção. Queria que fossem interrogados os principes da vizinhança para declararem se tinham alguma queixa d'elle, ou do seu ex-socio Gouveia, que fôra assassinado em Sette Camas em 1878, por ordem, dizia elle, dos empregados de Hatton & Cookson.

No dia aprasado reuniram-se os tres regulos do Manga, Gôa e Ponta do Norte e o Mancaca (primeiro ministro e logartenente do rei) Bibaia, como representante do rei de Maiombe, e todos declararam effectivamente por meio de um interprete arranjado por Pedro de Alcantara, que o portuguez Gouveia com a sua companheira foram assassinados por ordem dos inglezes, e que os seus haveres foram roubados pelo gentio, sendo parte do roubo entregue aos inglezes.

Os depoimentos foram reduzidos a auto e chegaram ao conhecimento do governo por intervenção do commandante da canhoneira. Pedro de Alcantara desejava este auto para com a copia ir reclamar uma indemnisação da casa Hatton & Cookson.

Tenho, porém, que notar para esclarecimento da questão e intelligencia dos factos. O paiz é puramente gentilico e in-

dependente; e os estrangeiros, que ali vão estabelecer-se, sujeitam-se ás leis do paiz. Ora uma lei do paiz determina, que ninguem possa matar nem ferir outrem, sob pena de morte; e o unico, que póde applicar esta pena, é o Mancaca. Quem tiver aggravos de outrem póde dirigir-se ao Mancaca, e começar por pedir que mate quem o aggravou. Depois de executada a pena julga-se a questão, e, quando o auctor decáia, soffre a pena de talião por haver feito morrer um innocente. Se são verdadeiros os depoimentos, que ouvi, Gouveia foi morto em harmonia com esta lei, e Pedro de Alcantara nada diz do julgamento ulterior á execução de Gouveia, nem dos motivos, que levavam o Mancaca a matal-o. Se são verdadeiros os depoimentos, disse eu. Não quero apodal-os de falsos, mas podem ser um pouco distantes da verdade; já porque foram dados sem audiencia dos inglezes; já porque as testemunhas foram todas convidadas pelo queixoso, que póde muito bem ser seu amigo; já porque o interprete era creatura do queixoso, e já finalmente porque Bento Margarinhas, de quem o queixoso é guarda livros e amigo, alludindo á questão não mostrou aquella indignação, propria das almas singelas diante de uma injustiça, antes pelo contrario insinuou, que o melhor partido a tomar para Pedro de Alcantara era deixar-se de questões, e continuar socegadamente o seu commercio. Os depoimentos tomados não podem implicar embaraços internacionaes, e se com elles Pedro de Alcantara conseguir a indemnisação que deseja da casa Hatton & Cookson fica tudo em paz.

A casa Hatton & Cookson é grande, e tem muitas feitorias por toda a costa desde o Quissembo para o N., e eu em toda a parte ouvi dizer que era honrada e séria. Se ella entender em consciencia que deve uma indemnisação dal-a-ha de certo. Estes pontos da costa ao N. do Chiloango não devem tomar-nos tanto tempo nem gastar tanto a nossa actividade, que por causa d'elles deixemos de conservar toda a attenção para o S. d'esse rio. Já de volta para o S., no dia 27, desembarcámos em Ponta Negra. Tem este ponto cinco feitorias portuguezas, abertas ao commercio, e uma da casa hollandeza, que está fechada.

Os portuguezes estimaram muito a visita da canhoneira, e presentearam os officiaes, significando-lhes o seu grande contentamento por o navio ali ter ido.

N'esse mesmo dia fomos fundear em Landana. Estavamos aqui, quando tivemos noticia do naufragio do paquete Ethiopia no Loango. Fomos logo em seu soccorro, e trouxemos-lhe as malas e um passageiro. Os outros ficaram em Loango

com mantimentos de sobra. O navio e a carga perderam-se. Do Loango voltámos para o Zaire, e lançámos ferro na bahia do Sonho, ou de Santo Antonio, no dia 30.

No dia 31 fui visitar a missão franceza de Santo Antonio e os restos do convento dos barbadinhos portuguezes com um guia, que me deu a casa Izaac Zagury.

Do fundeadouro a terra são mais de 3 milhas. Parte do caminho faz-se por um canal infecto, que vae pelo fundo de um valle de mangue para longe do rio pela terra dentro, no rumo do SE. No fim do canal estão as terras da missão franceza, a L. da povoação de Pinda. A missão é modestissima. Tem dois padres e quinze alumnos, creanças com a mesma origem das de Landana. As casas são de bordão, sendo só duas soalhadas, a igreja e a casa dos padres. A escola parece um chimbeque dos dos pretos. Os padres têem uma pequena horta, onde plantam principalmente mandioca e ginguba, com os proselytos de Landana.

O viver dos padres e educandos é em tudo similhante ao de Landana. Fóra das quinze creanças não tem a missão outros proselytos.

O convento de Santo Antonio dos barbadinhos ficava a uns 1:500 metros de distancia do sitio, onde está a actual missão franceza, para o lado de L. Do edificio primitivo já não restam vestigios. Era construido de adobes de terra, e desappareceu com o tempo; mas existe ainda uma formosa alameda de tamarindeiros, coqueiros e acajueiros alinhados, que defrontavam com o edificio; existe um sino em bom estado de conservação e com optimo som, montado em estacas de pau; e existe um chimbeque muito maior, que os dos pretos, edificado sobre as ruinas da antiga igreja, contendo o que resta d'ella. Tambem se vêem do lado de fóra do chimbeque (igreja ou capella) uma pia de ferro batido, com o fundo furado já pela ferrugem, que supponho ter servido de pia de baptismo, e um velho canhão de ferro sem reparos.

O sino tem a data de 1:700 e a legenda: *Si tu es pro nobis quis contra nós.* Não tem nome do fabricante. O chimbeque, que substitue a igreja, é de loandos, como o dos pretos, e coberto de palhas de bordão como elles, mas é amplo, cuidadosamente feito, tanto quanto possivel livre do contacto do chão, e por isso do do salalé, e dividido em dois compartimentos, um dos quaes serve de capella propriamente dita e o outro de sacristia.

A capella tem duas portas: uma ao fundo no logar e com disposição de porta principal, e outra ao lado no logar da porta travessa. Estas portas são de madeira de Cabinda e fo-

ram de certo copiadas das da primitiva igreja, já por serem de madeira, já por franquearem entrada desde o alto da padieira até o chão, contra o uso gentilico.

As portas gentilicas são de loangos e fecham um vão que vae desde o alto da padieira até uns 50 centimetros acima do solo, sendo necessario levantar muito a perna para entrar uma porta indigena.

A communicação da capella para a sacristia faz-se por ambos os lados do altar, que estão abertos desde o tecto até ao pavimento.

O supedaneo, o altar, a banqueta e a bôca do camarim são provavelmente da primitiva igreja, porque são de madeira de vinhatico, e estão assentes em estacas de madeira indigena.

Tudo está tão coberto de lençaria, que se torna difficil reconhecer pela frente os lavores que estas peças deviam ter. Dos antigos paramentos nada resta. Foram provavelmente devorados pelo salalé.

Em cima do altar e na banqueta estão ainda os seguintes objectos de culto da antiga igreja:

Um Christo crucificado de 1 metro de altura, feito de madeira, em cruz adequada ao seu tamanho, que occupa o logar de honra.

Um Christo de bronze dourado de 17 centimetros, crucificado n'uma cruz de prata com peanha do mesmo metal da altura total de 4 decimetros.

Uma cruz de prata com Christo do mesmo metal, propria para ir em procissão sobre a manga.

Um Christo pequeno de pau em cruz de madeira.

Duas imagens de madeira de mais de 1 metro de altura, sendo uma de Nossa Senhora e outra de Santo Antonio, com o menino Jesus ao colo.

Ambas estas imagens têem corôas de prata e estão embrulhadas n'uma porção enorme de lençaria gentilica. Parece que são de roca, e a lençaria está substituindo os vestidos. O Santo Antonio está tão comido do salalé, que já difficilmente se reconhece.

Cinco imagens de pau e barro, de Nossa Senhora e differentes santos.

Duas imagens de Santo Antonio.

Uma naveta de prata do feitio de um dos nossos antigos galeões de 25 centimetros de comprimento.

Um thuribulo de prata.

Alguns castiçaes de madeira do Brazil.

Uma porta de sacrario de madeira de vinhatico; tendo esculpido um S. João Baptista.

Uma campainha de bronze propria para ajudar á missa, já sem cabo.

Um hyssope de marfim n'um prato com agua, servindo de caldeirinha de agua benta.

Junto do supedaneo, do lado direito, está no chão uma pedra redonda do feitio de uma mó de 5 decimetros de diametro, com vestigios de se ter feito fogo sobre ella, queimando substancias resinosas. Averiguei que sobre esta pedra se collocava a muinda (especie de tocha feita de certa madeira, cuja combustão dá um cheiro muito similhante ao do incenso, e de que o gentio costuma servir-se para se alumiar de noite) accesa para substituir no culto as luzes de cera e azeite, e porventura fazer supprir tambem o incenso.

Por cima do Christo grande está aberto um grande guarda-sol dos importados da Europa para uso dos regulos, servindo de docel. Ao seu lado direito vê-se um retrato em gravura do papa Leão XIII; e no meio do panno que serve de frontal está cosida uma cruz de velludo preto. Estes dois objectos foram offerecidos pelos missionarios francezes.

Na sacristia está o movel proprio para guardar paramentos com os armarios cheios de lençaria.

O sacristão ainda foi do tempo dos frades segundo me affirmaram. É elle o encarregado do culto, que exercita com muita seriedade, cantando e recitando de modo, que mostra reminiscencias do cantochão e das orações em latim. Elle tem as chaves e está incumbido de tudo que se contém no edificio. Costuma tocar o sino para a convocação do povo, e em seguida, depois de collocadas as mulheres do lado esquerdo do altar e os homens do direito, accende-se a muinda e applica-se a agua benta, estando todos de joelhos, e então começam as orações e canticos sagrados com geral devoção.

Quando a agua benta se acaba é elle que a prepara e benze. O bom do sacristão suppõe-se sacerdote, e com as reminiscencias christãs vae reunindo todas as superstições gentilicas. Assim, é elle encarregado de fazer as adivinhações em todos os maleficios, pelo que recebe dos *freguezes o seu pé de altar*, etc.

O gentio guarda-lhe tanto respeito, que os padres francezes ainda não conseguiram aproveitar para si e para a religião estas boas disposições.

É provavel que em breve o consigam, porque o sacristão depois que lhe morreu ha pouco tempo uma mulher, que estimava, deixou de *celebrar*.

Haverá quem me julgue prolixo no que deixo dito do convento de Santo Antonio, mas eu diante d'estas preciosas re-

liquias do nosso glorioso passado senti o imperioso desejo de as constatar e entregar á veneração dos portuguezes, como os christãos dos tempos das perseguições recolhiam do pó dos circos o sangue, os corpos inanimes e despedaçados dos martyres e os seus vestidos até o minimo fragmento, para serem expostos aos fieis. Praza a Deus que ellas façam o milagre de nos accordar do nosso peccaminoso dormir!

Os nossos missionarios de outr'ora, recrutados no meio de um povo rude, mas cheio de fé e sentimentos nobres, eram verdadeiras sentinellas perdidas da civilisação antiga, na vastidão d'esses sertões. E não passaram debalde a sua vida de abnegação, porque deixaram vestigios da sua passagem para servirem de fio de Ariadne aos exploradores modernos, e um poderosissimo incentivo aos portuguezes da actualidade para tomarem na costa de Africa o logar que lhes pertence.

Se a sua obra não prosperou, a ponto de estabelecer uma civilisação nova, foi porque elles não tiveram tempo para isso, nem para se despojarem dos erros, que os impediam, e adquirir os meios, que lhes faltavam em harmonia com as lições da experiencia.

Mas ninguem poderá de boa fé sustentar que os missionarios portuguezes não insistiram tanto em civilisar esta região, consagrando-lhe muitas vidas, que não chegassem a imprimir-lhe fortemente o seu caracter.

Assim todos os regulos da bacia do Zaire até ao Iallalla, pelo menos, e todos os do Congo e Cabinda perderam a designação gentilica do seu titulo de monarchas para se intitularem reis; perderam, ou antes abandonaram, o symbolo gentilico da realeza, para em seu logar usarem uma cruz com Christo crucificado, com ou sem rosario, a que ainda hoje chamam *corôa*. E n'este symbolo todo o povo reconhece o poder do seu monarcha, ainda que elle esteja ausente; por isso, sempre que o rei precisa usar da sua auctoridade em sitio onde não esteja presente, entrega a corôa ao seu plenipotenciario, que, mostrando-a, é respeitado e obedecido, como se fosse o rei.

Já me aconteceu por mais de uma vez perceber nos cantares gentilicos do povo da bacia do Zaire alguma cousa, que me chamou a attenção, e, analysado o canto, reconheci n'elle a musica do psalmear dos frades em côro, em mais que um tom, por diversas vezes.

Foi-me apresentado um velho preto, que passava por um sabio entre os seus, para me dar informações para que nenhum outro se achava habilitado, e quando eu lhe perguntei, porque lhe chamavam sabio, e o que sabia elle? Respondeu-

me com um discurso de mais de dez minutos, em que eu reconheci as paginas do catechismo christão portuguez e algumas orações em latim. Tinha aprendido estas cousas dos padres portuguezes havia mais de setenta annos!

No Mangue-pequeno houve em tempo uma capella, que creio ter sido fundada pelos barbadinhos de Santo Antonio, para exercerem a catechese ali. Essa capella desappareceu, mas a piedade gentilica conserva todas as suas reliquias n'um chimbeque feito e cuidado, como este de Santo Antonio. Estes vestigios de dominação espiritual da igreja portugueza, que estavam quasi perecendo ao abandono, seduziram os padres francezes, que tentaram fazel-os reverter a seu favor, continuando a obra suspensa. Por isso vieram elles fundar em Santo Antonio a sua missão, e fundaram outra em Bôma, em tudo parecida com aquella. Mas, para que o seu seja dado a seu dono, é preciso que nos entendamos com elles. E muito bom fôra que o fizessemos de modo que os nossos missionarios ficassem trabalhando ao lado d'elles, porque para missionarios da actualidade têem muito que aprender ali. Tenham os nossos a dominação e o prestigio, que de direito e de facto lhes pertence, mas aprendam dos francezes a civilisar á moda do seculo XIX.

Creio bem que isto se conseguirá em troca de um subsidio e alguma protecção, se elles realmente não são enviados da politica franceza.

A canhoneira tinha os mantimentos quasi acabados e havia a bordo uns oito tripulantes doentes. Era preciso que recolhesse a Loanda. Por isso desembarquei e fui para Banana no dia 1.º de agosto, e ella levantou ferro e partiu para Loanda.

Installei-me na casa de Izaac Zagury, e fiz d'ahi centro das minhas excursões para os lados de Moamba.

A peninsula do Banana levanta-se na margem direita do rio, mesmo na sua foz, para lh'a estrangular. É muito estreita e rasa. O seu terreno é de areia, quasi toda solta, tendo aqui ou ali um charco coberto de mangue. Tem por um lado o rio e por outro o mar, e tanto um como o outro lhe estão comendo muito terreno e restringindo as dimensões.

Na ponta da peninsula está a feitoria chefe da casa hollandeza com as suas dependencias. Pegado a esta está a feitoria chefe da casa franceza. Logo em seguida está um terreno da casa hollandeza, e para diante a feitoria chefe da casa de Izaac Zagury. Em seguida ficam uma feitoria da casa hollandeza, a missão ingleza protestante e duas feitorias portuguezas, ambas fechadas.

De maneira que, quando a casa de Izaac Zagury passe a ser

de uma companhia ingleza, o que já se realisou, segundo me affirmaram, nenhuma casa do Banana içará a bandeira portugueza!

Foi para obtemperar a este enorme inconveniente, nas vesperas dos paquetes portuguezes ali tocarem, que eu propuz e consegui do negociante João Luiz da Rosa que fundasse uma feitoria na ilhota fronteira ao Banana.

Na bahia de Santo Antonio, na bôca do canal, que conduz á missão franceza, fica uma feitoria da casa franceza, e perto já da sua ponta de NE. ficam, em Porto Rico, duas feitorias portuguezas e uma franceza. Por detraz da ilha de Melembube ainda ficam duas feitorias francezas e tres portuguezas.

Depois que saiu a canhoneira *Bengo* tive de fazer algumas excursões em piroga indigena, para reconhecer as orlas da base da peninsula do Banana e da ilha fronteira, onde eu poderá descobrir terras proprias para edificações.

A descoberta de terrenos altos dentro da ilha, e a sua acquisição, incommodaram muito a casa hollandeza, que tentou seduzir o Nemelau, para que considerasse de nenhum effeito o contrato celebrado commigo e com o negociante Rosa, e lh'os vendesse a ella.

O Nemelau não se deixou cair em tentação, porque se lembrava de ter assistido ao contrato o commandante da canhoneira *Bengo* e o tenente José Aleixo Ribeiro. Teve medo, e não peccou por isso.

Os argumentos dos hollandezes eram fortes, mas deixaram de proceder. Offereciam o dobro do preço, ou mais, e declaravam que o terreno lhes era indispensavel para collocar lá os paioes da polvora, que estão na ponta da peninsula ameaçados pelo mar e pelo rio.

Logo que tive conhecimento d'isto, desejando evitar complicações e azedumes, instei com o Rosa para vir ou mandar construir um chimbeque e cercados para o gado, que fossem os signaes externos da posse e occupação legitima. Elle veiu, começou a obra, celebrou os titulos definitivos com o Nemelau e pagou-lhe.

Os missionarios inglezes, que têem a sua casa chefe em Banana, foram mandados retiral-a d'ali por a companhia belga, que comprou por 4:500$000 réis o terreno que elles occupam. Este facto obrigou-os a procurar terrenos por toda a parte para onde podessem mudar-se; mas nunca chegaram a vel-os na ilha fronteira senão depois que o Rosa começou a sua obra. Desesperaram-se com isso e fizeram propostas ao Nemelau para o resolverem a ceder-lhe um pedaço da minha ilha. Tantos presentes lhe deram, e taes cousas lhe disseram,

que o homem estava resolvido a ceder-lhe a ponta norte do terreno alto da ilha.

Apenas lhe conseguiram a primeira palavra de assentimento, ainda sem negociação assente, limparam immediatamente o terreno, armaram n'elle uma barraca de campanha e pozeram a bandeira ingleza sobre um bordão.

Quando vi de longe aquella nodoa de sangue sobre o fundo verde da minha ilha, senti impetos de ir laval-a, como lavaria um bravo de Ceuta. Mas eu não podia nem devia dizer quem era, nem como, nem para quem a creára. Era-me precisa a prudencia, que me fôra recommendada.

Chamei João Luiz da Rosa, que figurava como proprietario d'ella, e Domingos José de Sousa, com quem o primeiro tinha feito sociedade no estabelecimento que lá se estava fundando, e convenci-os de que, por eu não poder figurar, deviam elles ir protestar contra a usurpação de propriedade.

Eu iria com elles para ostensivamente servir de interprete e na realidade dirigir a reclamação.

Os missionarios receberam-nos com alguma perturbação e embaraço. O Nemelau estava presente com os seus principes, e esta circumstancia favoreceu-nos muito.

Depois de trocadas poucas palavras ficaram os inglezes convencidos da nossa justiça, declarando que tinham comprado ao rei o terreno por lhes ser muito necessario e não saberem que era nosso. Demonstrei-lhes que não deviam ignorar isso, porque o rei tinha em seu poder um documento que o demarcava, e que, como não lhes deu conhecimento d'essa circumstancia, teria de haver-se comnosco por ser elle o unico causador da usurpação.

O rei quando ouviu isto, e notou a nossa attitude energica em face da perturbação britannica, esclareceu tudo. Declarou que ainda não tinha vendido o terreno aos inglezes; que elles o deprecaram por todos os modos para o obterem, e que elle, rei, lhes ia emprestar aquelle pedaço, julgando que não faria falta ao Rosa.

Estavam desmascarados os inglezes, e ganha a questão por nós.

Disse ao rei que fizera mal em ir emprestar o que já lhe não pertencia; e disse aos inglezes, que, em vista de precisarem tanto do terreno, eu pedia ao Rosa, se elles quizessem, para lh'o arrendar. Acceitaram a offerta e agradeceram a annuencia do Rosa. Fomos fazer o contrato de arrendamento diante de muitos estrangeiros de diversas nacionalidades, alguns dos quaes serviram de testemunhas commigo. Eu dei a minuta.

Este facto deu-nos a posse incontestada, pacifica e publica de toda a ilha. Hoje, graças a elle e á descoberta dos bons terrenos lá dentro da ilha, temos uma casa junto do porto de Banana, que iça a bandeira portugueza!

Partindo do Banana, fiz varias excursões em tipoia para reconhecer a base da peninsula e os terrenos que lhe ficam para o N. e E.

Em toda a parte encontrei signaes da má vontade que os hollandezes nutrem contra nós, e provas de que elles tinham empregado meios para me impedirem de ver, ouvir e estudar.

Para os indigenas passei por um caçador, e não quiz mostrar-lhes mais attenção ou interesse por um logar ou por outro, para as suas narrações ingenuas não trahirem o meu projecto aos hollandezes.

O terreno que eu procurava existia e estava desoccupado. Não o adquiri porque não estava auctorisado para isso. Adiante fallarei em especial d'elle e do projecto que lhe diz respeito.

Depois de feitas estas excursões, nada me restava a fazer ao N. do Zaire. Esperava um transporte que me trouxesse para o S., e embarquei a bordo do paquete inglez no dia 1.º de setembro.

Do Zaire até ao Ambriz não ha hoje nenhuma casa portugueza aberta. Todas as que funccionam são estrangeiras. É uma triste confissão esta; mas é verdadeira, infelizmente. A cubiça estrangeira, por um lado, e a nossa infelicidade, pelo outro, levaram-nos a esta situação deploravel.

Pois não foi sem esforços e coragem que a bandeira portugueza fluctuou altiva, ainda ha pouco, no Ambrizette. Os estrangeiros intrigaram-nos com tanta calumnia e velhacaria com os indigenas, que estes chegaram a ter-nos medo e odio. Diziam-lhes que nós eramos maus e crueis, que os queriamos espoliar das suas terras, para em seguida os escravisarmos, e que os povos do Ambriz estavam desgraçados e opprimidos, por não terem tido a esperteza de nos conhecer e a coragem de nos repellir, etc.

A vil insidia não gorou. Quando o portuguez Domingos Gomes, que foi ali negociante e proprietario de uma das melhores casas, quiz içar em frente da sua vivenda a bandeira portugueza, foi intimado pelo regulo a que tal não fizesse, sob pena de lhe ser cortado o mastro pelos indigenas.

Mas Domingos Gomes era portuguez, e, surprehendido por tão odiosa excepção, pois todas as casas europêas içavam as suas bandeiras respectivas, e estimulado pela velhacaria estrangeira, que descortinou desde logo na prohibição, respon-

deu ao regulo, que ficaria estendido sem vida junto do mastro todo o indigena que se approximasse d'elle, de machado em punho. E armou-se para cumprir a sua palavra.

Os indigenas ainda lhe rodearam a casa com grande alarido; mas a final retiraram-se receiosos, e a bandeira portugueza lá ficou até ao mez passado.

A casa de Domingos Gomes passou para Izaac Zagury, e d'este para uma companhia ingleza, que vae içar ou já içou lá a sua bandeira.

No Quissembo fomos igualmente calumniados e intrigados para com os indigenas, que de vez em quando nos mostram já a sua má vontade. A calumnia toma os fóros de verdade, porque lá não temos quem nos defenda, explicando aos indigenas a infamia dos estrangeiros, que são inglezes e francezes.

Cheguei a Loanda no dia 7 do corrente, e desembarquei n'esse mesmo dia. Trazia já quasi concluido este meu trabalho, faltando-me ainda servir-lhe algumas informações ultimamente colhidas.

Para isso, e principalmente para o copiar, gastei os dias decorridos até hoje, tendo feito da minha parte todo o possivel para os meus projectos não ficarem prejudicados por falta de diligencia ou pressa da minha parte.

CAPITULO II

A nossa missão de S. Salvador do Congo é o ultimo foco da fé christã e civilisação portugueza, que ainda se conserva acceso para o N. da provincia de Angola; e basta esta rasão para nos empenharmos em alimentar o fogo sagrado. Mas esta missão por si só, e nas condições em que está, nem póde prosperar, nem deve continuar sem modificação.

Fazer da missão de S. Salvador um especimen de missões portuguezas é tarefa difficil para nós, que não temos missionarios educados convenientemente, nem podemos arcar com as despezas a fazer, tendo o dinheiro de vencer a distancia e supprir a ignorancia e mesmo a inaptidão dos missionarios. Este inconveniente sobe de ponto desde que ao lado da nossa missão existe no Congo a missão ingleza protestante, que tem homens e muito dinheiro.

Nós não podemos, nem devemos acceitar o combate aos inglezes no campo do dinheiro. Bem sabem elles que alcançariam ahi a victoria, e por isso foram estabelecer-se contando com as suas libras e com o nosso descuido. Surprehendi-

da, porém, a sua tactica, cumpre-nos evitar-lhes os golpes, e fazer-lhe perder o tempo e os esforços.

Conseguiremos isto conservando a missão de S. Salvador no pé em que está, salvas pequenas modificações tendentes a diminuir o custeio sem lhe cercear a importancia, e creando n'outro ponto, e em condições mais compativeis com a parcimonia do nosso haver e com os interesses da nossa politica, uma missão chefe, que fortifique a de S. Salvador, e destaque missões para os pontos que as conveniencias indicarem.

O local para este novo estabelecimento parece-me dever ser o terreno que se estende desde a base da peninsula do Banana até ao riacho da Moanda, confrontando pelo occidente com o mar, e tendo a E. confins illimitados.

Exige-o a nossa politica e o interesse da igreja catholica, e recommenda-o a hygiene, a economia e outras circumstancias. Visitei todo esse terreno, fazendo por elle excursões de algumas leguas, e em diversos rumos, e, apesar de não ter competencia, ouso affirmar que deve ser ali a missão, chefe das missões portuguezas ao norte de Angola.

Sendo o Zaire, como é, um rio tão importante com uma bacia tão rica, e tendo na sua foz um ponto tão amplo e seguro, é obvio que junto d'esse ponto, no logar mais apropriado, cedo ou tarde ha de apparecer uma cidade importante. Pois o logar para essa cidade tem de ser a peninsula do Banana e o que eu indico para a missão.

A peninsula será occupada pelas dependencias do porto e estabelecimentos necessarios para a navegação e commercio, e a encosta, que se lhe segue, dará commodo desenvolvimento a uma população industrial, burocratica, scientifica, etc., ficando-lhe entre os rumos de E. e NO. optimos terrenos para serem colonisados por nós, até ao rio Chiloango e Cacongo.

Todos estes terrenos, cuja elevação media acima do nivel do mar será de 20 a 30 metros, constituem uma planicie, que á beira do Zaire tem levissimas ondulações, e á maneira que se estende para o norte vae sendo mais accidentada, sem chegar a merecer o nome de montanhosa. Estes accidentes são produzidos por linhas de agua, que cortam em todos os sentidos indo despejar no mar, singelas ou depois de confluidas.

Os riachos são tanto mais frequentes, quanto mais se avança para o norte, e a agua de todos é boa para beber e optima para todos os usos da vida. Em alguns pontos encontrei agua, que me pareceu ferrea e aproveitavel em therapeutica. Entre valle e valle, onde alteia o colo das ondulações, está o terreno

coberto de gramineas, que são optimas pastagens para os ruminantes em geral e para os equideos. Por lá vi muitos carneiros dos indigenas, e duas manadas de bois e alguns jumentos, pertencentes a negociantes.

Por entre este capim destacam-se aqui e alem moitas e arbustos e isolados cajueiros, e lá, nas proximidades das povoações indigenas, algumas palmeiras, imbondeiros e poucas arvores de fructa entresachadas de bananeiras.

A depressão dos valles é completamente occupada por uma grande e variada vegetação arborea, onde não é preciso escolher arvores para encontrar madeiras de primeira qualidade, e onde entre variadas trepadeiras é vulgar a da borracha. Este massiço de arvoredo tem muitas vezes mais de 1 kilometro de largura, e acompanha as linhas de agua desde a a sua fonte até ao mar, na maior parte dos casos. Quanto mais se avança da foz do Zaire para o norte mais estes tufos de arvoredo se avizinham uns dos outros, chegando já em Cabinda e Molembo a formar uma floresta quasi continua. Por este motivo tambem quanto mais para o norte se caminha, mais restrictas se vão restando as campinas de pastagens, de fórma que em Landana já é difficil ter manadas n'uma zona de alguns kilometros a partir do litoral.

Pelo fundo do valle, assim arborisado e lindo, corre sempre um fresco e limpido riacho, muitas vezes de todo encoberto pela vegetação, mas a miudo atravessado pelos trilhos indigenas, notando-se n'uma ou n'outra d'estas passagens alguns troncos atravessados, servindo de primitivas pontes.

Da Moanda para o norte a maioria das povoações indigenas ficam dentro d'estes arvoredos, em logar expressamente derribado a uma distancia media entre o riacho e a campina. São frescos e lindissimos esses logarejos, e não me parece que sejam insalubres, porque a agua do riacho é nascidiça e sempre corrente, não dando logar pela estagnação á formação de miasmas.

Alem d'isso notei que se vive lá bem.

São assim estes terrenos n'uma zona, que a partir do mar para E. terá de largura umas 10 leguas ou talvez mais, e informam-me que para o interior continuam sendo cada vez melhores.

N'estas campinas tambem apparece a videira brava, e é n'ellas que, a 2 ou 3 decimetros abaixo da superficie do solo, se tira a gomma copal, o que é operação facil, porque o terreno é todo constituido por uma areia fina, por cima de côr escura pela mistura de humus, e por baixo, avermelhada pelos saes de ferro, que se cava com muita facilidade.

Uma exploração regular da gomma podia deixar feita uma plantação importantissima de algodão, videiras (que julgo se dão ali bem, porque as vi bonitas na Moanda e em Landana) e outras plantas, que exigem similhante cultura e terreno.

Toda esta região é povoada pelos cabindas e dividida em pequenissimos estados autonomos, que não têem força nem consideração politica por isso.

A população é progressivamente mais densa desde a foz do rio Zaire até á bahia de Cabinda.

D'ahi até ao Chiloango, ou conserva a mesma densidade ou a perde em pouco.

Da indole dos cabindas, da sua docilidade, intelligencia e aptidões, da sua sympathia e respeito por nós, do seu adiantamento n'uma tal ou qual civilisação, que a pouco e pouco receberam de nós, a quem chamam, por antonomasia, os *brancos*, escuso de fallar, que tudo isso é bem conhecido de toda a gente; mas o que é preciso dizer, porque nem todos o sabem, é que em todo o territorio dos nossos dominios e direitos reservados, e mesmo fóra d'elles que tenho percorrido, desde as margens do Cunene até Maiombe, nunca encontrei, senão em Cabinda, cozinhas indigenas, em que podesse entrar sem repugnancia e onde encontrasse bacia de lavar cadeira (chimbando), mesa, toalha, talher, jantar e cama de que podesse servir-me sem saudades do meu trem de viagem.

Como é que sendo o Zaire um dos pontos para onde outr'ora navegámos muito, e sendo a região de que fallo adjacente ao Zaire e ao mar, e muito conhecida dos nossos antepassados, deixámos de empregar aqui os nossos esforços colonisadores, para os irmos esterilisar no sul, nas margens do Quanza, ou lá longe, nos sertões de Cazengo e Campangombe?

Não posso achar resposta para esta pergunta, e a difficuldade augmenta, quando vejo que estamos em risco de perder, com esta região, a parte mais rica, mais commodamente colonisavel e mais bella da provincia de Angola, se a nossa ligeireza e bom senso de agora não vierem sanar as imprevidencias de outr'ora!

O ponto para onde têem de convergir todas estas forças de vida, para se multiplicarem na mutualidade de serviços, é precisamente o que eu escolho para a missão chefe, é o local da futura cidade, emporio do commercio do Zaire, e capital de uma colonia rica e feliz.

Ainda vamos a tempo, se formos já lançar os fundamentos d'essa capital n'uma inoffensiva e modesta missão. Exije-o assim a nossa politica.

Entre os cabindas será difficil encontrar um com mais de vinte annos de idade, que não tenha sido educado por portuguezes, e não tenha permanecido em Loanda, ou outra cidade ou villa de Angola, alguns annos.

É bem conhecida a tendencia, que elles têem para imitar o *branco* n'aquillo que mais os impressiona ou affaga a sua vaidade. Elles lavam-se, vestem-se, comem, bebem, fumam e divertem-se, etc., imitando tanto quanto podem o seu querido typo. E é em parte devido a este anhelo de civilisação, e em parte aos esforços do nosso clero de Angola, que quasi todos aqui aprendem os rudimentos de doutrina christã e recebem o sacramento do baptismo.

Estas almas, que transpozeram os umbraes da igreja alistando-se entre os seus filhos, recáem na idolatria e praticas supersticiosas por não terem em Cabinda quem os ampare na crença e dirija e discipline na pratica do culto. E a obra tão bem principiada por iniciativa d'elles, fica incompleta, e perverte-se mesmo, por negligencia da igreja portugueza, que não manda a Cabinda os seus ministros.

Os padres de Landana já notaram isto e tentaram, como em Santo Antonio, fazer reverter em pró da igreja franceza este proselytismo da igreja portugueza, mas os cabindas declararam que não conhecem os *frincezos*, que elles não são *brancos* do *maniputo*, e por isso não os attendem. E não ha argumentos variados nem peregrinações do padre Antonio Carrie e dos seus missionarios, que os tenham demovido até hoje. O padre Antonio Carrie falla-lhes em portuguez, e chega mesmo a dizer que é portuguez, e que estudou em Portugal, que a igreja de Deus não conhece differenças de paiz, raça ou côr, etc., etc., e com tudo isto não conseguiu mais proselytos, do que os que comprou para as missões de Landana, Santo Antonio e Bôma.

Os cabindas são primeiro que tudo portuguezes e só os padres portuguezes terão perante elles a auctoridade sufficiente para os dirigir na crença e disciplinar na pratica religiosa da igreja de Jesus Christo, cujas portas lhe abriram em Loanda e Benguella, Mossamedes, Ambriz e Dondo.

O local que indico está perto do porto do Banana e ao mesmo tempo perto do mar. O porto do Banana, principalmente depois de ali tocarem os paquetes portuguezes, dar-lhe-ha todos os refrescos e commodidades da Europa. A vizinhança do Oceano com boa praia de areia, onde elle se esperguiça e rumoreja sempre bonançoso, permittindo durante o anno inteiro que pequenissimas pirogas indigenas vão lançar redes e pescar á linha, facultar-lhe-ha bom e fresco ar e todos os

fructos do mar, quasi sem custo, para que a vida seja commoda e a alimentação variada.

Os ventos dominantes da localidade são a brisa de SO. durante quasi todo o dia e parte da noite e o terral desde a madrugada até ás seis ou sete horas da manhã, e ambos estes ventos lavam a localidade fornecendo-lhe ar puro, porque a viração é recebida directamente do mar, e o terral que por ali passa nunca varre os pantanos do Zaire nem outros: vem por cima das campinas, de que fallei. Será sobretudo aquelle logar a causa da missão poder viver por si, e bem, logo depois de montada ficando o cofre geral alliviado de um grande encargo, ao passo que para a provincia se cria um grande melhoramento.

Para conseguir isto escusâmos de estudar planos. Basta copiar a missão de Landana com as modificações exigidas pela localidade e pelos nossos interesses politicos, e aconselhadas pelo nosso prestigio entre os indigenas e vantagens a tirar d'elle. Tomaremos, como os padres francezes, as creanças para as crearmos e educarmos para cidadãos uteis a si e a nós.

Não as obteremos porém, por meio da compra, que essa nodoa custa a lavar-se com a santidade do fim. Não quero dizer com isto que as creanças, que tiverem sido resgatadas da escravidão do gentio fiquem excluidas da instrucção na missão. Serão educadas e instruidas mesmo, mas entrarão como pessoas livres.

Nós não temos necessidade de recorrer a esse meio desesperado, porque não só na localidade; mas mesmo em toda a provincia de Angola podemos obter creanças, espontaneamente offerecidas por seus paes, para entrarem na missão e ser lá educadas.

Temos em Loanda, em Benguella, em Mossamedes, no Dondo, etc., centenas de creanças para isso, filhas de paes que as offerecerão e pedirão mesmo que sejam acceitas, logo que a recepção e educação sejam, como devem ser, gratuitas. Mas nós devemos forcejar por misturar com estas creanças os filhos e parentes dos regulos e indigenas importantes dos sertões da provincia, para elles, quando educados e restituidos ao seu paiz, serem portuguezes e civilisados á portugueza. Serão um poderossimo auxiliar para desbravar e tornar continua de facto a vassallagem da provincia toda inteira. Estas creanças, educadas á moda de Landana, podem ir ser sobas ou regulos no seu paiz, sem que a rudeza do seu povo os enfastie, nem a sua instrucção os torne suspeitos e odiados.

Os educadores perscrutarão as aptidões das creanças, e conforme ellas dirigirão o seu ensino, e quando appareça alguma com vocação especial para o serviço da missão deve ser aproveitada n'elle, proporcionando-lhe um futuro feliz e voluntariamente abraçado. As outras depois de educadas serão restituidas ao seu povo, e por ahi serão outros tantos focos de instrucção.

A grande agglomeração de creanças na missão ha de necessariamente dar azo a um viveiro de colonos, que irão estabelecer-se na vizinhança, e copiar em ponto pequeno a escola que os educou. D'aqui resultará a vantagem de colonisarmos Cabinda com portuguezes civilisados á portugueza. Isto porém só no fim de alguns annos poderá conseguir-se, e nós precisâmos de colonisar depressa para dizermos ao mundo que Cabinda é portugueza de direito e de facto.

Para este fim temos um meio a empregar: são os colonos europeus. Tomaremos familias inteiras (marido e mulher ainda novos, com ou sem filhos) d'essas que na ilha da Madeira ou no Algarve phantasiam um pedacinho de terreno, propriedade sua, e entregal-os-hemos ao cuidado da missão, como trabalhadores d'ella, até que, feita a aclimação e instruidos nas condições da vida da localidade, possam com pequeno avanço, restituido depois, ir estabelecer-se perto d'ella ou de outros colonos, e formar o nucleo de uma futura aldeia ou villa.

Se de entre estes, alguns forem tão infelizes, que por si não possam prosperar, a missão lhes servirá de amparo. Ficarão a seu cargo, como serviçaes ou officiaes de officios, e irão formando o nucleo da futura cidade da foz do rio Zaire.

Com toda esta mistura de elementos variados formaremos de certo para o futuro uma colonia, e talvez uma civilisação novas.

Os trabalhos da missão devem dirigir-se a tirar do local todo o partido possivel, para a prosperidade e engrandecimento do estabelecimento, de envolta com a educação sensata dos alumnos. Os padres alem d'isso devem exercer a predica, já na missão já por toda a Cabinda, para sustentarem na fé os que já são christãos, e trazerem os outros a ella. Os padres francezes não podem fazer isto em Landana, e os portuguezes podem fazel-o em Cabinda.

A vizinhança do porto de Banana aconselha que a missão produza o que podér vender ali. Deve ter manadas de bois, rebanhos de carneiros, varas de porcos, muitas aves, coelhos, etc. Deve ter uma grande horta, um grande e variado pomar

e muitas plantações de mantimentos indigenas, e principalmente de mandioca, tendo o cuidado de desenvolver o que melhor prospere e mais vantagens offereça. Deve montar uma pescaria na praia.

Tudo isto alem de garantir uma alimentação farta, substancial e variada, tem no porto de Banana um mercado optimo, onde o consumo crescerá sempre.

Deve desenvolver e aperfeiçoar as industrias primitivas da localidade, e creal-as novas, sempre que possa e encontre elementos para isso. Deve finalmente habilitar-se para viver, por si só, á custa de todos estes elementos, e engrandecer-se de modo a poder destacar de tempos a tempos uma missão filial para qualquer ponto, bem escolhido e indicado.

A missão de S. Salvador do Congo, ficará desde logo sendo considerada sua filial. As missões filiaes receberão da missão chefe todo o auxilio e conforto, vivendo em completa communidade. A missão chefe servirá de sanitarium a todas.

Ali tambem farão o seu tirocinio os missionarios novos, gosando logo da vantagem de poderem estudar as linguas indigenas por haver lá elementos para tudo isso.

O local, que eu indico, confina por um lado com Cabinda e por outro com o Mossorongo, e não ficam longe os povos onde já se falla o dialecto do Congo.

Estas e mais algumas, que a experiencia for indicando serão as modificações a fazer na copia da missão de Landana.

Agora cheguei eu a um ponto, em que tenho de beliscar os melindres do nosso clero, e em especial dos missionarios portuguezes.

Teremos nós um padre para pôr á testa d'este estabelecimento? Creio que sim. Não quero negar a instrucção, a aptidão e o talento a uma classe inteira. Mas esse padre acceitará o encargo? Já duvido. E quando acceite será capaz de dar a Deus o que é de Deus, e a Cesar o que é de Cesar? Será ao mesmo tempo um missionario civilisador, um missionario politico e um missionario catholico? Póde ser. Mas francamente, eu não o creio.

E como as crenças se não demonstram, eu, sem amontoar argumentos, passo a expor o que sinto ácerca da administração d'este estabelecimento.

O governo deve escolher um homem, que seja perito em medicina, agronomia e veterinaria, patriota e casado, sendo possivel. Dar-lhe-ha as vantagens necessarias. Este homem installar-se-ha ao lado da missão, tendo uma casa de saude onde possa receber e tratar doentes que o procurarem. A

casa de saude póde estar claramente a cargo da missão: não contraria a sua indole religiosa.

Passará para todos por ser um simples medico portuguez, que foi lá estabelecer-se n'um ponto saudavel e tendo ao lado os recursos da missão, para tratar a grande quantidade de portuguezes e europeus em geral, que negoceiam no Zaire, e vivem em pontos insalubrissimos. A falta d'este medico e d'esta casa de saude sente-se muito na foz do Zaire, e dá logar a muitas victimas, portuguezes na quasi totalidade. Por isso o medico ha de ser bem recebido e fazer interesses. Virão procural-o de todo o Zaire e de muitos pontos da costa. E assim toda a gente acreditará, que elle vive d'isso. Este medico será um delegado do governo e o superintendente secreto da missão, em todas as suas relações com elle, e em todas as suas condições de vida material.

Figurará, porém, como superintendente o superior dos padres, para quem de facto fica a posição e o mando de superior dos missionarios catholicos portuguezes.

Assim dar-se-ha a Deus o que é de Deus e a Cesar o que é de Cesar.

Deve tratar-se immediatamente da realisação d'este projecto, porque ha muitas e grandes vistas sobre o Zaire. E já por lá passeiam muitos olhos, que vêem por conta alheia.

Os elementos, que existem para a missão civilisadora do Zaire, devem empregar-se aqui sem perda de tempo. Qualquer outro local, que queira escolher-se para ella, parece-me tanto mais improprio, quanto mais se distanciar da foz do rio para o interior.

Civilisemos primeiro o que nos pertence e depois daremos largas aos nossos impulsos humanitarios. A caridade bem intentada começa por nós.

Creio que se pensou em collocar a missão civilisadora do Zaire em qualquer ponto do interior. Vi até designar-se-lhe Noqui. Era um erro. Noqui é um ponto sem importancia, muito quente, insalubre e sem conforto. O pouco que ali podesse conseguir-se custaria rios de dinheiro, e não fazia bem senão a Noqui, que não é nada.

Para fazermos alguma cousa por esse processo precisâmos de repetir em muitos pontos, o que faziamos em Noqui; e nós não temos dinheiro para isso. Alem de que, seria construir a estatua de Nabuchodonosor. Distrahiamos a nossa attenção e gastavamos a actividade e o dinheiro no interior, deixando o litoral exposto a cubiças alheias. E tomado o litoral por outrem estavam perdidos para nós os nossos esforços. Caia a estatua.

Deixemos entrar pela Africa dentro os que sabem, que não têem direito ao litoral. Deixal-os desbravar os sertões a peso de oiro. Deixal-os abrir commercio, navegação e agricultura mesmo. Deixal-os formar imperios no coração de Africa. Elles têem o vigor da mocidade nas explorações africanas. Mas nós, que viemos primeiro, e que descobrimos e tomámos posse do litoral, não o larguemos. Elles cá passarão com a sua opulencia e deixarão alguma cousa no transito. O ponto é de passagem forçada. E nós estando seguros no litoral teremos sempre muito para onde nos alarguemos para o interior.

É preciso sem perda de tempo mandar adquirir o terreno escolhido. Elle está por ora devoluto, mas se a nossa intenção for surprehendida teremos lá, com certeza, um occupante, que nos preceda, puramente para nos embaraçar a realisação do projecto.

O terreno pertence ao principe chamado Maniputo. Este principe mora a NE. do local escolhido, junto das nascentes do riacho da Moanda. A acquisição tem de ser tratada com elle, segundo o costume da terra. É preciso para esse fim uma pessoa, que conheça o costume, e essa pessoa deve ser de completa confiança do governo. A acquisição deve ser feita immediatamente; e entre a proposta ao principe e o fecho da transacção não deve mediar senão o tempo necessario para ajustar por palavras. Tudo será concluido n'uma só sessão. Quando se fizer a acquisição já devem estar no porto do Banana, a bordo de qualquer embarcação nossa, os elementos pessoaes e materiaes necessarios para a fundação da obra, e apenas fechado o contrato deve immediatamente começar a fundação. Toda esta pressa e cautelas são necessarias para não perdermos o local escolhido.

Terrenos temos muitos, mas o local bom, com todos os requisitos que expuz, é um só, e esse deve necessariamente ser nosso. E não o será se alguns estrangeiros surprehenderem o segredo antes da acquisição, ou emquanto durarem as suas negociações.

A casa hollandeza do Banana tem relações muito estreitas com o principe, dono dos terrenos, e tem-nos um odio bastante grande para aproveitar essas relações em nosso detrimento. E grande mal será já para nós o saber-se de antemão quaes são as vistas do estabelecimento.

A missão ingleza do Banana anda tambem a escolher terrenos para o seu estabelecimento da beira-mar, e nós precisâmos de andar muito depressa para a antecedermos na escolha d'este.

Eu de bom grado teria adquirido o terreno na occasião em que o visitei, se estivesse auctorisado para isso. E apesar de não ter a auctorisação estive quasi resolvido a compral-o. Uma consideração só me impediu d'isso: não quiz dar azo a que se pensasse, que eu sou tão vaidoso, que me julguei infallivel. Talvez fosse melhor eu ter feito esse sacrificio. Deus permitta que nos não venha mal d'ahi.

Para a primeira installação do estabelecimento deve sair de Loanda um missionario com os meios indispensaveis para o transporte de Banana até lá, e para uma installação tosca e rudimentar. Deve ir acompanhado já do pessoal e do material necessario para essa installação e começo da vida.

Eu comprometto-me a indicar na occasião propria, ou em trabalho especial, algumas cousas e pessoas necessarias para isso.

Mais tarde irão successivamente indo para lá os meios destinados á estação civilisadora do Zaire, e todos os outros que apontei, com alguns mais que a experiencia for indicando.

CAPITULO III

Agora vou tratar da costa desde o Loge até ao Chiloango e dos valles d'este rio e do Zaire até Vivi, debaixo do ponto de vista commercial.

Por brevidade chamarei a tudo isto, e ainda a alguns pontos do interior, Costa do Norte.

Foram os portuguezes logo depois do descobrimento da costa os primeiros que negociaram com ella.

Sobre as ruinas da grande feitoria de Pinda na bahia de Santo Antonio ainda hoje existe a povoação de Pinda, cujos habitantes conservam tradições do nosso commercio. Vinham ali os galeões dos reis de Portugal mercadejar e fazer aguada. Em toda a costa apparecem ruinas de feitorias portuguezas nos logares, onde se podia construir com pedra, e nos pontos, onde por falta de pedra as casas eram de adobe ou de madeira encontram-se vestigios de outra ordem, que attestam ter existido ali o commercio portuguez.

Entre outros citarei como exemplos os nomes que servem de unidade monetaria ou de valor para a contabilidade entre o gentio, como são: *cortado, panno, espingarda, garrafa,* etc., que ainda hoje se empregam, não para designar o que litteralmente significam, mas para exprimir o valor d'esses objectos, com mais ou menos justeza, em qualquer outra mercadoria.

É muito antigo e foi grande o nosso commercio por ali. Desde a epocha, porém, em que o mundo civilisado começou a fazer prodigios de industria e associação, o commercio portuguez começou a definhar, e hoje vegeta muito estiolado pela grande sombra que lhe faz o commercio estrangeiro.

Emquanto foi preciso arriscar a vida, e perdel-a mesmo, houve portuguezes enthusiastas pelo commercio africano e notaveis por elle, mas, logo que os seus esforços abriram os mercados, e estabeleceram as transacções pacificas, pareceu-lhes completa a obra.

Os portuguezes foram aqui, como em toda a parte, sempre os mesmos: capazes de arriscar a vida para conquistar o vello de oiro, mas incapazes de o fruir depois de conquistado. São multiplices as causas de decadencia do nosso commercio. Entre ellas parece-me dever collocar, como principaes, a falta de educação mercantil em Portugal, o horror que lá se tem tido pela associação, que é o grande meio de conseguir os grandes fins, e a imperfeição e carestia da industria portugueza na producção das fazendas que cá se permutam. É por não termos estas vantagens, que estamos vendo de braços cruzados o commercio estrangeiro a apoderar-se das nossas feitorias e, qual administrador interesseiro da casa de morgado estroina, a dar uma mezada aos nossos ex-negociantes para que comam e durmam. É por isso que vemos os portuguezes, que se arriscam a vir á costa de Africa procurar fortuna, reduzidos á triste condição de mendigar das casas estrangeiras uma posição, em que elles são indispensaveis, porque são o musculoso braço que trabalha, mas onde ficam sendo meio termo entre os gerentes e guarda-livros, e os serviçaes pretos que rolam fardos. É por isso que vemos chegar de Liverpool, Hamburgo, Rotterdam, Marselha, etc., muitos navios a vapor e de véla carregados de fazenda, e voltar carregados de generos coloniaes, sem que os filhos de Portugal partilhem d'esse grande movimento, mais que os seus ordenados e a febre, o rheumatismo, a hepatite... e a morte.

Sendo Portugal um dos primeiros paizes que na idade media adquiriram colonias, e sendo o primeiro a negociar com esta parte da costa occidental de Africa, não tem desculpa de a não ter educado de fórma a só consumir os seus productos, aperfeiçoando quanto possivel a producção, para que nenhum outro paiz tivesse ensejo de vir fazer-lh'o. Mas... plantou o loureiro, e deitou-se a dormir á sua sombra. Se alguma vez acordou, erguendo-se estonteado, gritou que era forte, e recaiu a dormir!

São quatro as grandes casas fornecedoras das fazendas

para toda a costa do norte. A saber: a hollandeza Nieuwe Afrikdansche Handels Vennootschap, a ingleza de Hatton & Cookson de Liverpool, a franceza de Daumas, Beraud & C.ª, a franceza de A. Couqui Ainé, ambas de Paris, e a belga, complementar da expedição de Stanley. A fóra estas, poucas mais poderão ser indicadas, e essas muito pouco farão, a não ser a de Edwards Brothers de Liverpool, que negoceia com a firma Castro & Leitão em Landana e no Chiloango, e com outras, e a de Izaac Zagury que negoceia por sua conta, e passou a ser de uma companhia ingleza.

Todas estas casas menos a de Edwards Brothers têem uma feitoria chefe e algumas filiaes, que permutam directamente com o gentio.

A hollandeza tem a sua feitoria chefe na ponta da peninsula do Banana, e tem umas cincoenta feitorias por toda a costa do norte. Traz em giro um capital de 3.000:000$000 réis pouco mais ou menos.

A de Hatton & Cookson tem a sua séde na ponta da bahia de Cabinda, e terá umas oito boas feitorias por toda a costa. O seu capital, attento o seu grande movimento, deve ser superior a 1.000:000$000 réis.

A franceza de Daumas, Beraud & C.ª tem a sua cabeça no Banana, junto da da casa hollandeza, e tem umas quinze feitorias por toda a costa do norte, incluida uma do Ambriz. O seu capital orçará por 1.000:000$000 réis.

A de A. Couqui Ainé roda com um capital de 500:000$000 réis. Tem a sua feitoria chefe no Ambriz, e possue mais quatro feitorias do Ambriz até á Moculla.

A casa belga está tratando da sua installação. Tem já em Bôma uma bonita feitoria, onde negoceia muito, e comprou em Banana um terreno por 4:500$000 réis, onde quer construir outra. Não sei por ora onde quererá fazer a sua feitoria chefe, nem onde tencionará fundar filiaes, mas parece que ella se destina a ir explorar o commercio do alto Zaire, e que já tem em giro um capital muito superior a 1.000:000$000 réis.

A casa de Izaac Zagury tem a sua feitoria chefe em Banana proxima da da casa franceza do lado do norte, para superintender n'umas cinco feitorias dispersas no rio Zaire desde o Banana até Bôma.

Tem mais duas feitorias no Ambrizette e Ambriz, superintendidas por esta ultima, e tem ainda umas sete feitorias no Quanza e no Dande, superintendidas pela gerencia chefe de Loanda. O seu capital serão 300:000$000 réis, a maior parte dos quaes giram na costa do norte.

Estas casas ou têem navios seus, que trazem da Europa as mercadorias e levam para lá os generos, como acontece á casa hollandeza, á ingleza de Hatton & Cookson, á franceza de Daumas, Beraud & C.ª e á belga, ou fazem estes transportes por intervenção dos paquetes inglezes e navios de vêla, que fretam para isso.

A casa hollandeza tambem tem tomado a frete muitos navios. O mesmo aconteceu já e continuará de certo succedendo á casa belga.

Os navios que entram no rio Zaire durante um anno, com carga para as feitorias, serão uns vinte vapores (comprehendidos uns doze ou quatorze paquetes), com a somma de 24:000 a 25:000 toneladas e quarenta navios de vêla (barcas, lugres, brigues e patachos principalmente) com a somma total de 18:000 a 20:000 toneladas.

Não incluo aqui os navios que vem carregados para outros pontos da costa do norte, que ainda são alguns, alem dos paquetes, nem incluo tambem os navios de guerra que entram o Zaire ou tocam na costa, que são muitos, e principalmente inglezes.

Os navios trazem aguardente, fazendas de lã e algodão, genebra, polvora, espingardas, cutelaria, missangas, louça, sal, e pouco mais, para a permutação com os indigenas. Vem ainda alguns com carvão.

Todas estas fazendas vem de Hamburgo, Rotterdam e Liverpool. De Lisboa vem apenas poucos carregamentos de sal e algum rancho!

Estes navios voltam para as praças que os expediram carregados com coconote, ginguba, gergelim, azeite de palma, borracha, marfim, urzella e pouco mais.

As casas francezas mandam alguns carregamentos, mas poucos, e quasi só de ginguba para França.

Entre os navios que navegam a frete, avultam em primeiro logar os allemães, depois os inglezes e os italianos, e em seguida os francezes, norueguezes, etc. Os portuguezes já para ali não sabem o caminho!

Os generos que sáem, só do rio Zaire para a Europa, podem computar-se da seguinte fórma: 8:000 toneladas de ginguba, no valor de 500:000$000 réis; 10:000 toneladas de coconote, 500:0000$000 réis; azeite de palma, 4:000 toneladas, 730:000$000 réis; gergelim, 500 toneladas, réis 300:000$00 réis; borracha, 300 toneladas, 300:000$000 réis; marfim, 100 toneladas, 650:000$000 réis; urzella, 100 toneladas, 25:000$000 réis.

As fazendas importadas no rio Zaire, no ultimo anno, po-

dem computar-se em 1.500:000$000 réis; a aguardente, genebra, polvora e espingardas em 1.000:000$000 réis; a louça, cutelaria, sal, arames, etc., em 500:000$000 réis.

A grande differença de valores entre a importação e a exportação explica-se pelos enormes depositos que as casas têem em ser, por se não ter permutado tanto como esperavam, em virtude das colheitas ultimas terem sido pouco abundantes.

O rio Zaire importará ainda, para uso dos brancos, réis 20:000$000 em vinho e outras bebidas, 10:000$000 réis em farinha, assucar, petroleo, chá e mais artigos de rancho, e réis 5:000$000 em vestuario, calçado e outros artigos para usos da vida civilisada. Os viveres e o vinho são quasi só de Portugal.

O resto da costa do norte importará e exportará outro tanto, entrando apenas a mais na lista dos artigos de exportação, o café do Bembe e baixo Congo, que já não sáe todo pelo Ambriz. Mas a importação e exportação do Zaire ao Chiloango são mais valiosas do que do Zaire ao Loge.

Circulam no rio Zaire, fazendo os transportes d'elle umas cincoenta embarcações, escunas, palhabotes, cahiques, lanchas, cutters, e dez pequenos vapores para carga e pequeno numero de passageiros.

Dos vapores, 4 pertencem á casa hollandeza, 3 á casa belga e á expedição de Stanley, 1 a Izaac Zagury e 1 á missão protestante.

Das embarcações á véla 20 pertencem á casa hollandeza, 6 a Daumas, Beraud & C.ª, 5 a Izac Zagury, 2 a João Luiz da Rosa, 2 a Valle e Azevedo e as demais a diversos.

Estas embarcações á véla têem uma media de sete tripulantes, quasi exclusivamente pretos de Cabinda. Fazem tambem serviço na costa, entre as diversas feitorias e a respectiva casa chefe.

Na costa propriamente dita, ha mais d'estas embarcações, talvez umas 20 ou 30, e ha mais 30 canoas de boa e solida construcção ingleza, proprias para o embarque dos generos e desembarque das mercadorias nas praias corridas.

Para o serviço interno do rio Zaire ainda ha umas 100 ou 150 canoas de um pau só e construcção indigena. No Chilongo haverá umas 100 d'estas canoas. Tanto estas como as do desembarque das praias são em geral tripuladas com serviçaes dos respectivos donos, e uma ou outra vez por indigenas assalariados.

Não incluo n'este numero as pirogas de construcção e uso indigena, que são muitissimas.

Das tripulações dos vapores são os commandantes e os engenheiros, inglezes, hollandezes e belgas, e os marinheiros e serventes das machinas são cabindas ou liberianos.

As grandes casas, como já disse, fazem o commercio directamente nas suas feitorias e indirectamente por meio de aviados. Os aviados antigamente recebiam as fazendas a credito em parte ou mesmo no todo, e pagavam-nas em generos depois de negociadas.

Com este systema ganhavam as casas fornecedoras, mas tambem ganhavam os aviados. As casas fornecedoras receiando-lhes a sombra, e depois a concorrencia, trataram de cortar o mal pela raiz. Hoje só fornecem, recebendo em paga, na occasião do fornecimento, o seu valor.

É provavel que tambem tenham concorrido para isto algumas negociações ruinosas dos aviados, as baixas de alguns generos e a escassez das colheitas; mas o certo é que estes defeitos affectavam tanto os aviados como as feitorias das casas fornecedoras, e o resultado foi ellas monopolisarem o commercio.

Se ainda hoje algum aviado tem fornecimento nas antigas condições, deve isso em geral a optimos serviços que tem prestado e grandes lucros que tem dado á casa fornecedora, ao seu ascendente sobre os gerentes, e, sobretudo, á rivalidade e inveja que cada uma das grandes casas nutre contra as outras.

Ainda assim, estas considerações todas não obstam a que, de tempos a tempos, um outro aviado deixe de receber os fornecimentos que pede, com pagamento á vista.

Dá-se isto quando a casa fornecedora tem do aviado qualquer aggravo, e nenhuma das outras casas quer ou póde fornecer-lhe o que elle deseja. O desgraçado a quem isto acontece, não tendo capital nem tempo de recorrer aos mercados da Europa, vê-se forçado a transigir de modo ruinoso para o seu haver e aviltante para a sua dignidade e liberdade, sob pena de ver ao lado da sua feitoria ou feitorias outras da casa fornecedora, que vão colher com os meios indicados por elle todos os generos que calculam negociar.

Isto é a ruina completa do aviado, porque representa uma colheita, e por conseguinte um anno perdido, e com esta perda a do estabelecimento, que se arruina e apodrece, e a das mercadorias, que no anno seguinte ou estão estragadas ou já passaram de moda.

Muitos pequenos negociantes, para evitar este grande mal, têem tentado entabolar negociações directas com a Europa, e estas tentativas, em geral, só têem servido para augmentar

o mal, porque, dispondo de pequeno capital e pequeno credito, não podem conseguir grandes e variados sortimentos, e se um carregamento não chega porque o navio se perdeu, ou se chegando, não é variado ou proprio para as exigencias da occasião, o negociante está perdido, porque deixa de negociar durante uma colheita. E hoje é assente, que nenhuma das grandes casas lhe acudirá, para não darem aso a que estas tentativas se repitam e o commercio se desmonopolise.

Quando as cousas correm bem e a contento dos grandes, mas um ou outro dos seus aviados vae fazendo grandes interesses, porque permuta n'um ou n'outro ponto, onde a sua sagacidade o aconselhou a pôr uma feitoria, ou por outro qualquer motivo, ás vezes por patriotismo, incorrem no desagrado dos seus senhores, estes têem sempre um grande meio de lhe cortar os vôos: é estabelecer junto d'elles uma feitoria, e, n'ella ou na que já lá tem estabelecida, dar ao indigena pelos seus generos mais mercadorias, do que dão ao aviado por elles. E podem fazer isto sem perder, porque as fazendas fornecidas aos aviados vão sempre sobrecarregadas com uma enorme percentagem de lucros!

E assim conservam as grandes casas o monopolio do commercio da costa do norte. E assim são hoje exclusivas a comprar o marfim desde o Quissembo até á Moculla as feitorias das grandes casas, depois de afugentados os pequenos negociadores. E assim será hoje difficil a um pequeno negociador chegar na costa do norte a fazer fortuna, se este estado de cousas não mudar.

Note-se desde já, que todos os aviados, pequenos negociadores, empregados de uns e de outros, e a maioria dos empregados das casas estrangeiras são portuguezes, e que estes infelizes têem muitas vezes sido levados, pelo desaforo das grandes casas, a amordaçar os seus sentimentos patrioticos e a lisonjearem os seus tyrannos!

O unico correctivo que este mal tem encontrado é a emulação reciproca das grandes casas, e esta ainda não impediu que a casa hollandeza tenha dado aos seus accionistas um dividendo de 15 a 18 por cento, acontecendo o mesmo ás outras; ou melhor ainda, porque não têem tanta vaidade e ostentação com ella.

A casa hollandeza é vaidosa até ao ponto de fazer despezas escusadas, desprezar interesses e provocar a gargalhada dos que a surprehendem nas suas manifestações de apparato burlesco indigena.

Ella tem embarcações de mais para o seu serviço, sem as querer para outro; ella tem tripulação de mais n'essas em-

barcações; ella tem cavallos, muares e burros apparelhados, de que não faz nem póde fazer uso, só para que os indigenas se embasbaquem diante d'aquella grandeza; ella tem grandes mastros para o signal da casa e bandeira hollandeza, onde esta é içada e arriada com tiros de peça; ella emprega gente por commiseração, dizendo que não tem necessidade de mais empregados, e desemprega outra, por falta de um salamaleque ao gerente ou aos seus cortezãos; ella tem antigos empregados mezes inteiros hospedados na casa chefe, comendo, bebendo e vencendo da casa, como se trabalhassem, só para acompanhar o chefe nas suas digressões e fazer-lhe a côrte; finalmente, ella tem um simulacro de parque de artilheria para dar salvas ao gerente em chefe quando entra na feitoria! São influencias do meio.

A casa hollandeza é hoje a mais antiga do Banana e está já repassada de sabores indigenas.

Ninguem ignora quanto os cabindas são comicos e perdularios nas suas manifestações de sentimento. Ella imita-os.

A casa ingleza de Hatton & Cookson tem debaixo do ponto de vista da economia na administração, um bom senso notavel, e forma um contraste muito frisante com a hollandeza. As outras seguem mais ou menos as pisadas da casa ingleza.

No Chiloango e d'ali ao Zaire, e n'este rio, existem as feitorias que mencionei; e junto da foz do Zaire, mas do lado de dentro d'ella, estão ainda em Porto Rico, proximo da ponta de nordeste da bahia de Santo Antonio, duas portuguezas e duas francezas, e na margem direita, um pouco acima de Nemelau, estão uma franceza e tres portuguezas.

Da foz do Zaire para o S. existem umas vinte e cinco feitorias distribuidas pelos seguintes pontos: Mangue Pequeno, Cabeça da Cobra, Maza-mandombe, Mangue Grande, Cacongo, Quinzau, Quimpoassa, Moculla, Ambrizette, Mosserra e Quicembo. Estas feitorias estão distribuidas de modo, que da Moculla para o S. existem, pelo menos, quatro casas em cada ponto e da Moculla para o N. existe em cada ponto quasi sempre uma só, ás vezes fechada a maior parte do anno, ou mesmo abandonada.

É de Moculla para o S., até o Quicembo, que se faz o precioso commercio do marfim, monopolisado pelas grandes casas. Ellas conseguiram afugentar d'ali os pequenos negociadores, e conseguiram tambem derivar do Zaire para ali todo o marfim, que só do Alto Congo vinha ás immediações de Bôma. Bastou para isso empregar ao lado dos pequenos negociadores os processos de que acima fallei, absorvendo assim nos pontos do Zaire, onde elle ia, todo o marfim. Depois, para de-

rivarem a corrente para Moculla, e d'ahi para o S. bastou negarem-se a compral-o no Zaire ou pagal-o por insignificante preço, insinuando e persuadindo que elle na Moculla, e d'ali para o S., seria mais bem pago.

Era-lhe assim preciso, porque lá já não receiavam a concorrencia dos pequenos negociadores.

Os gerentes das casas dizem que esta tactica lhes era precisa para manterem as feitorias do Moculla para o S., onde nada poderia negociar-se que desse interesse, a não ser o marfim, e que seriam obrigados a abandonar, se elle para lá não concorresse.

A verdade é que os estabelecimentos são em geral bons e custosamente construidos: mas por lá compra-se, alem do marfim, borracha, ginguba e gergelim. E no Ambrizette podia até comprar-se muito minerio de cobre, que existe a meia legua das feitorias, se os negociantes tivessem empregado os meios para isso.

Todos estes calculos e combinações egoistas vão caír por terra logo que a casa belga se estabeleça para cima de Vivi, nos pontos da bacia do Zaire mais proprios para a absorpção de todo esse marfim. Ella prepara-se para isso, e creio até que já principiou as suas operações.

Por toda a parte da costa do norte estão distribuidos, como negociantes empregados no commercio, nas embarcações e nas missões catholicas e protestantes uns 250 a 270 brancos. Entre estes incluo alguns pardos de Loanda e os pretos de Cabinda civilisados, 2 dos quaes são negociantes estabelecidos por conta propria.

Elles chamam-se brancos, e os indigenas confirmam-lhe a designação. Não serei eu que lh'a tire.

De todos estes homens, que vivem á moda europêa, 85 ou 90 por cento são portuguezes.

Os portuguezes de Angola estarão para os do continente do reino e ilhas adjacentes como 10 para 100.

Dos estrangeiros o maior numero são hollandezes e inglezes, depois seguem se os francezes, os belgas, os allemães e os hespanhoes.

Vê-se portanto que os filhos do velho Portugal estão n'uma enorme maioria.

Será escusado dizer que em todas as feitorias portuguezas não ha um só estrangeiro.

Nas feitorias estrangeiras, e especialmente nas da casa hollandeza, ha uma grande quantidade de empregados portuguezes, podendo mesmo affirmar-se que estas feitorias, na sua quasi totalidade, são administradas por portuguezes.

As feitorias francezas e as inglezas tambem têem muitos empregados portuguezes, mas os francezes mais. A casa belga é que, por ora, poucos empregados portuguezes tem, e é provavel que continue a ter poucos, porque está tratando de introduzir gente do seu paiz para quasi todo o seu serviço.

Por todos estes estabelecimentos acham-se distribuidos uns quatro mil serviçaes pretos. Incluo n'este numero os kurumanos, os tripulantes das embarcações, os carpinteiros, tanoeiros, pedreiros, ferreiros etc., que em geral ou são cabindas assoldadados ou kurumanos, e os pretos dos povos vizinhos das feitorias que vão trabalhar a jornal ou soldada.

Chama-se kurumanos em toda a costa do norte aos antigos escravos, que os senhores ainda conservam em sujeição com differenças, para melhor, do antigo tratamento de escravo.

Não pude achar a origem d'esta designação e notei que ella continua na costa do Chiloango para o norte até Maiombe, pelo menos.

É possivel que ella venha dos antigos serventes em toda a costa serem em grande parte oriundos de Kuru, ou das proximidades, e então kurumanos significa na origem homens de Kuru.

Os pretos do Kuru ainda hoje trabalham na costa do norte, mas como livres e á soldada, especialmente no serviço de machinas a vapor e no trafego dos armazens.

Já ouvi tambem dizer que a palavra kurumano vinha de duas hollandezas, que significam homem de serviço, e juntas soam approximadamente como a palavra kurumano. Eu não conheço a lingua hollandeza, e por isso não sei que deva julgar d'esta explicação.

D'aqui vê-se que a proporção dos pretos para os brancos é approximadamente de quinze para um. E assim estão uns e outros distribuidos pelos estabelecimentos de que fallei.

A lingua do commercio em toda a costa do norte é a portugueza.

Em todas as casas éstrangeiras se falla o portuguez, sempre que a conversa existe entre dois individuos de diversas nacionalidades. Em todas estas casas se falla o portuguez, mesmo aos serventes da mesa e até aos creados particulares e quarto, sob pena de se não ser entendido.

Todas as transacções são discutidas e assentes em portuguez por meio do *linguester*, que traduz d'esta lingua para *fiote* a negociação aos indigenas.

Aqui apparece uma palavra que foi inventada pelos portuguezes da costa do norte com ou sem necessidade d'isso, e

que ficou sendo usada em toda a costa com leves variantes na idéa que exprime.

O linguester é em geral um preto dos importantes do povo do regulo, em cujas terras está á feitoria. Este preto quasi sempre começou, quando creança, a sua educação em casa do *branco*, servindo-o á mesa e tratando-lhe do quarto.

Aprendeu a lingua do *branco*, se não a sabia já fallar, e estudou-lhe os usos e habitos de vida, especialmente no que respeita ao negocio. E assim se habilitou para mais tarde, quando homem, ser o *linguester* da barraca.

É posição muito desejada e respeitada dos seus, porque o linguester manda os serviçaes, e é encarregado de abrir e fechar as portas dos armazens e do *feitiço*, de fazer as medidas e pesagens e entregar os pagamentos aos negociantes. Alem d'isso o linguester tem sempre um ordenado relativamente grande.

Alem do linguester ha o curador.

Curadores são pretos de diversos povos, em geral mais distantes que o do linguester, encarregados pela feitoria de de attrahir ali os negociantes sertanejos ou indigenas ricos, que vem procurar os estabelecimentos dos brancos para a permutação dos seus generos.

O curador, depois de ter empregado todos os recursos da sua rhetorica e velhacaria contra os argumentos de outro curador, lá conseguiu persuadir o pobre selvagem, de que vae ficar riquissimo e feliz com a negociação, e acompanha-o á feitoria, onde o pobre lorpa não recebe, ás vezes, nem metade das fazendas que o negociante deu pelos generos, porque o curador lh'as roubou.

O negociante sustenta e protege esta ladroeira para não perder o curador, e chega mesmo a incital-o quando elle é intelligente, velhaco e discursador. A isto chamam portuguezes e estrangeiros *curar negocio*.

A entidade chamada linguester no Ambriz tem as mesmas attribuições que estes curadores. Lá não existe a designação *curador*.

O *feitiço* é o armazem, onde se fazem os pagamentos aos indigenas. É uma especie de taberna com um pequeno balcão junto da porta e toda a capacidade interior tomada pelas fazendas, missanga, cutelaria, aguardente em depositos; louça, etc, expostas nas estantes, e uma pequena mesa onde o negociante faz os calculos de reducção dos diversos valores dos objectos escolhidos pelo preto para o seu pagamento. O negociante sentado á mesa recebe as *mocandas*, faz os calculos e diz ao linguester quantas peças, de que fazendas e qualida-

des póde dar. O linguester traduz, ultima o contrato e entrega sobre o balcão ao indigena o seu pagamento.

Quando o negocio é feito por intervenção do curador, é a este que se entrega o pagamento, ficando em poder do negociante o que o curador furtou ao indigena, para lhe ser entregue, logo que o misero se ausente.

As feitorias de grande movimento têem ainda armazens proprios para o pagamento da polvora e do sal, etc.

As compras fazem-se em outro armazem, onde ha balanças e medidas, e onde se passam as mocandas, que são vales em fazendas do genero comprado.

As balanças, por ora, servem para o negociante fazer os seus calculos: o indigena entende-se melhor com a medida; e por isso as medidas são absolutamente arbitrarias. Ha feitoria que as altera tres a quatro vezes por anno, já fazendo-as pequenas e conservando o pagamento para *puxar negocio*, já fazendo-as logo em seguida muito maiores, para recuperar e ganhar muito mais.

Muitas vezes não conseguem mais do que collocar os pretos de sobreaviso, descer um pouco no seu conceito, e preparal-os para se considerarem sempre logrados e pensarem no desforço.

Este systema de embustes armados á boa fé dos pretos tem produzido as mais desastradas consequencias, e demonstrou já, a meu ver, que quem mais soffre com elle são os brancos.

O logar onde mais intenso vi manifestar-se o mal, é o Dondo, e em geral a bacia do Quanza. Ahi todo o preto do mato chama franca e abertamente ladrão ao negociante. E o negociante tem de soffrer este ominoso epitheto e de ser, por cima, o roubado!

O preto parte do principio de que é roubado, porque mais de uma vez surprehendeu falsificação de peso e medida, e por isso é insaciavel em exigir o pagamento dos seus generos cuidando sempre que aquillo que o branco lhe furtou no peso e na medida vale mais do que lhe deu alem do preço corrente. E o branco vae satisfazendo as exigencias até esgotar a paciencia e exceder com o pagamento o valor do genero comprado.

Já aqui ficou logrado o branco.

Mas o preto, que tem estudado embustes para oppor ás falsificações do branco, falsifica a cera introduzindo-lhe areia e fuba, falsifica o café molhando o que vem no interior dos saccos e misturando-lhe pedras, falsifica a borracha misturando-lhe gomma de outras plantas, que para nada servem, e

mettendo panno e terra dentro das bolas, falsifica o azeite de palma introduzindo-lhe uma planta que elle conhece, etc., e então o negocio perde muito porque soffre grandes avarias, ou desacredita os seus generos na praça para onde os exporta.

Os causadores d'este grande mal têem sido os degredados, que assolaram a provincia de Angola de corrupção e morte moral, por onde quer que têem permanecido.

Na costa do norte não ha d'isso. E o inconveniente que apresentei é minimo em comparação da miseria e depravação do sul. Não o aponto aqui senão para evitar uma calamidade.

De resto o indigena da costa do norte tem uma confiança absoluta no negociante, e sobretudo nas suas *mocandas* (escripto a lapis ou tinta n'um bocado de papel de qualquer natureza ou tamanho), que considera como o mais seguro valor e penhor da quantia, que representam.

Estas *mocandas* facilitam de um modo espantoso os pagamentos, porque a moeda é rara e quasi exclusivamente usada pelo negociantes entre si.

Este credito illimitado é devido á honradez, com que têem sido desfeitas as duvidas suscitadas, e á pontualidade dos pagamentos.

Não existe em toda a costa do norte nenhuma industria digna d'este nome que possa augmentar o commercio e a riqueza publica.

Tudo aquillo, que o commercio explora, ou provém de reservatorios naturaes, que tendem a extinguir-se com a exportação, como é o marfim, a borracha, a gomma, ou provém da pequenissima agricultura indigena, que não augmenta pelo facto das feitorias estarem promptas a comprar-lhes tudo e bem, como acontece com a ginguba (o indigena da costa do norte chama-lhe mendubi), o gergelim, etc.

O preto contenta-se com pouco e tendo esse pouco não trabalha mais. Não podemos admirar-nos d'isto, porque acontece o mesmo a muitos *brancos*. A differença é de quantidade apenas.

Mas os reservatorios de riqueza africana ainda não estão todos descobertos, e a industria civilisada ainda não principiou a exercer as suas funcções na costa do norte.

Que vastissimos horisontes se não abrem ali diante d'esta poderosissima soberana!

Esgotadas as actuaes fontes de riqueza abrir-se-hão outras que em jorros colossaes inundarão o commercio!

Haverá na costa do norte um esplendido festim de millio-

narios. E nós os filhos dos marinheiros de D. Henrique, de Bartholomeu Dias e de Diogo Cam conservar-nos-hemos perfilados nos atrios do palacio a fazer-lhes guarda de honra sem nos lembrarmos de que o marinheiro portuguez serve para tudo?!

Se isolados não podemos ter um talher no banquete, porque apesar de militarmos ha uns poucos de seculos ainda somos praças de pret, lembremo-nos de que vae correndo o seculo XIX, que deu á associação entrada em toda a parte e força para tudo.

Associemo-nos. É urgente. Ninguem dispõe de forças collectivas tão respeitaveis e poderosas como as nossas. Depois seremos nós os donos da casa e tomando o logar de honra, que nos pertence, presidiremos ao festim...

Mas o povo portuguez ainda é o que era ha um seculo: cheio de força e boa vontade, mas incapaz de dirigir os passos para as grandes emprezas, sem a guia prudente e o apoio tutelar do seu governo.

Ao governo de Portugal, pois, incumbe o estudo do plano e a direcção da obra.

Não é só a riqueza publica que o aconselha: exige-o a sua dignidade e o seu interesse politico.

O governo deve sem perda de tempo organisar em Portugal e com capital portuguez uma companhia que venha estabelecer-se no Zaire, e forneça ali e em toda a costa do norte aos pequenos negociantes as mercadorias, proprias para a permutação a troco de generos ou dinheiro.

Esta companhia, tendo o capital sufficiente para o seu trafego, deve necessariamente ganhar muito dinheiro, porque fica em melhores condições do que todas as outras, de que fallei.

Ha muitas difficuldades que as outras têem vencido e continuarão a vencer com o auxilio dos portuguezes, e estes logo que se estabeleça na costa do norte uma companhia portugueza abandonam os estrangeiros, já porque têem sido muito prejudicados e opprimidos por elles, já porque os seus sentimentos de patriotismo a isso os compellem.

É preciso conhecer e tratar os portuguezes, lá fóra da acção do seu governo, para ver quanto elles são patriotas! Faltando os portuguezes ás grandes casas estrangeiras, estas necessàriamente definham muito ou chegam mesmo a abandonar o campo, que então ficará todo para nós.

Uma companhia portugueza bem montada e dirigida deve conseguir que as mercadorias lhe fiquem na costa pelo mesmo preço por que ficam ás outras casas e deve conseguir tam-

bem nos mercados da Europa o mesmo preço pelos generos que transportar para lá.

Já por aqui se vê que deve ganhar tanto ou mais do que as outras companhias, e estar sempre habilitada para fazer-lhe frente á concorrencia.

Mas o governo deve considerar esta companhia como um instrumento de soberania, como uma poderosissima arma politica, e por isso jamais a perderá de vista, não deixando de prestar-lhe o auxilio compativel com o segredo, para evitar invejas, conflictos e sobretudo represalias, que não poderiamos reprimir.

Uma subvenção pecuniaria ou a garantia de um dado juro aos accionistas seria cousa difficil de occultar, e então veriamos, provavelmente, paizes mais ricos do que o nosso a darem dinheiro a companhias, que viriam aniquilar a nossa e aniquilar-nos.

O auxilio, pois, deve ser prestado sem ostentação, e como que indirectamente. São magnifico pretexto para elle a grande quantidade de portuguezes espalhados pela costa do norte. Póde, por exemplo, dar-lhe na casa de saude da missão o tratamento nas doenças em condições mais favoraveis, póde pilotar-lhe os navios na barra do Zaire e por elle acima quasi de graça, etc.

A companhia não deve ter menos de 2.000:000$000 réis de capital.

Deve destinar-se a negociar exclusivamente em toda a costa do norte, isto é, desde o rio Loge até ao rio Chiloango, comprehendendo as margens d'este rio até onde elle é navegavel (umas 60 milhas desde a foz), as margens e ilhas do rio Zaire até Vivi ou até ao Ielalla e alguns estabelecimentos já existentes ou que venham a existir pelo interior, mas dentro do territorio a que temos direitos reservados.

Precisa de conhecer e estabelecer negociações com as fabricas, que melhor e mais commodamente produzem mercadorias, até que a pouco e pouco vá substituindo pelos productos portuguezes os da industria estrangeira.

Precisa de adquirir terrenos junto do porto Banana para os depositos das mercadorias, que têem de ser distribuidas pelo rio e pela costa, costa abaixo até o Quicembo, e para convergencia dos generos a exportar. Poderá precisar tambem de um deposito em Landana para o commercio do Chiloango, que é muito importante.

Precisa de adquirir as embarcações necessarias para a distribuição das mercadorias e accumulação dos generos, e porventura de uma que faça viagens para a Europa, como a casa

hollandeza e a de Hatton & Cookson, que têem para esse fim cada uma um vapor de mais de mil toneladas, e a casa de Daumas, Beraud & C.ª, que tem dois bons navios de véla.

Precisa finalmente de pessoal e do trem necessario para as funcções do estabelecimento ou estabelecimentos.

Todos os terrenos da peninsula de Banana estavam occupados pelos estabelecimentos que funccionam ou pelas casas poderosas que os têem devoluto, mas não cedem por preço nenhum com medo de concorrencia ao seu monopolio; e em volta já não havia terrenos, ou se os havia, não estavam descobertos.

Este facto impressionava-me desagradavelmente, porque me parecia absolutamente necessario que os armazens da companhia ficassem ali perto do porto, e obrigou-me a fazer excursões em canoas indigenas por dentro de um charco de mangue fronteiro ao Banana.

Se eu ali encontrasse terreno que as praia-mares deixassem descoberto estava resolvida a questão.

Os pretos e os brancos a quem directamente fiz perguntas n'esse sentido, diziam-me que tudo aquillo era um charco enorme e infecto. Mas o terreno era preciso, e eu procurei-o e achei-o.

Dentro do mangal levanta-se uma ilhota coberta de gramineas e imbondeiras, onde póde collocar-se um grande estabelecimento que fique mais perto do porto que nenhum dos outros do Banana havendo mesmo encostado a elle um fundo de duas braças, onde podem ir atracar navios para a carga e descarga em pequenas pontes que para isso se construam.

Descoberto, porém, o terreno era absolutamente necessario livral-o da cubiça das casas grandes, e sobretudo da hollandeza que está fazendo despezas fabulosas para sustentar com carregamentos de pedra a ponta do Banana, onde estão os seus armazens, que o mar protestou levar-lhe. Mas eu não estava auctorisado a adquirir terrenos. Para isso vali-me, como já disse, do negociante portuguez João Luiz da Rosa, communicando-lhe o meu projecto, e pedindo-lhe auxilio e segredo.

O terreno está comprado, occupado e á disposição do governo de Portugal ou da provincia de Angola, pelo preço do custo como já disse.

Tambem soube em Landana por confidencia do negociante Leitão da firma Castro & Leitão, confidencia de que elle me permittiu fazer uso para com o governo portuguez, que a sua firma estava resolvida a vender á casa ingleza de Edwards Brothers de Liverpool os estabelecimentos de Landana e do

Chiloango, porque aquella casa lhe tinha proposto uma compra muito vantajosa.

Esta venda é um golpe profundissimo dado no prestigio portuguez n'aquella região, porque a firma Castro & Leitão tem conseguido pela sua honradez e bom senso e pela illustração e coragem do socio Leitão, principalmente, o respeito e a homenagem de todas as casas de Landana e Chiloango, e mesmo da missão franceza e do dr. Lucan, sendo ella o poderoso laço que as tem sustentado, todas unidas ha bastantes annos.

Esta casa mantem sobre o gentio do interior uma auctoridade enorme, baseada toda na justiça dos seus actos, na força de um vapor construido e armado para defeza do rio Chiloango, e na valentia e disciplina de perto de cem homens que ella põe em pé de guerra, quando seja mister.

Estas considerações obrigaram-me a empregar os meios para obstar a que toda aquella riqueza, força ou prestigio passasse para mãos estrangeiras e se invertesse contra nós. E o facto de a casa Castro & Leitão ser ali quasi a unica portugueza entre muitas estrangeiras, instigava-me ainda mais. Communiquei com as convenientes reservas ao socio Leitão a minha mágua, e tive occasião de ver que elle, alem de todas as boas qualidades, que já lhe conhecia, era um patriota enthusiasta e dedicado.

Declarou-me que esperaria para fechar o contrato com Edwards Brothers algum tempo a fim de o governo resolver se devia ou não organisar a companhia que eu projectava, e que no caso de se organisar empregaria n'ella todo o capital que tem na costa, com grande satisfação, e até se promptificava a prestar-lhe os serviços compativeis com a sua intelligencia, conhecimentos e praticas da costa. Por ultimo indicou-me o visconde da Gandarinha como sendo um poderoso auxiliar de que o governo devia lançar mão para organisar a companhia.

Este Leitão vae partir para a ilha da Madeira e de lá irá a Lisboa. Ahi auxiliará quanto podér o governo na organisação da companhia. Em summa ficou enthusiasmadissimo com o meu projecto, e prompto para ajudal-o a pôr em pratica. A mim parece-me urgentissima a necessidade de o realisar. Se nos demorâmos podemos chegar tarde de mais.

Esta companhia tem diante de si um campo vastissimo de exploração, e se tiver a felicidade de escolher uma direcção circumspecta e intelligente, póde em muito pouco tempo habilitar-se para novos emprehendimentos.

O primeiro que deve chamar-lhe a attenção é a exploração

das madeiras abundantes e preciosas, que cobrem as ilhas do Zaire proximo da sua foz, e cuja exploração prepara terrenos uberrimos para as ricas producções agricolas dos tropicos.

Quem entrar pela ampla embocadura do Zaire encontra-o logo dividido em enormes cursos de agua separados entre si por ilhas rasas, algumas alagadas, em parte, pela praia-mar ou pelas enchentes, mas todas cobertas de grande arvoredo, mangue na maior parte.

Estas ilhas são formadas pelo nateiro do rio, sobre o qual se foram estratificando em camadas successivas os despojos da sua vegetação, e hoje apresentam um terreno de primeira qualidade para muitas especies de plantações, em geral bastante elevado para estar livre das inundações, e muito pouco para que deixe de poder irrigar-se com facilidade.

O rio é assim até ás alturas da Ponta da Lenha ou mais um pouco acima, e de ahi para E. até um pouco a montante de Bôma tem ainda muitas ilhas rasas, mas já sem arvoredo e apenas cobertas de gramineas para repasto dos hyppopotamos. N'estas ilhas apparece aqui ou alem uma pequena plantação indigena de feijão ou tabaco.

Em frente de Bôma, na ilha Sacara N'baco, e d'ahi para montante, nas outras ilhas, levantam-se já montes consideraveis cobertos de vegetação alpestre. D'ahi para cima vem descendo o rio por entre margens asperas e tanto mais alcantiladas quanto mais para E.

A todas as ilhas do Zaire, e a algumas de mais de um lado, póde atracar qualquer navio dos que sobem o rio. E todas ellas estão ainda hoje desoccupadas!

Estas simples considerações indicam que n'um futuro muito proximo todos esses terrenos estarão tomados e em exploração, que não póde deixar de ser riquissima. Deve logo depois da sua installação começar a fazer estudos e calculos para desmembrar parte do seu capital e applical-o a ella. Muito melhor fôra que desde já se organisasse uma outra companhia para a exploração das madeiras e dos terrenos d'estas ilhas, mas eu não creio em tanta felicidade.

A companhia porém que vier installar-se, como negociante, é que não deve deixar de tratar d'isso. Já que não estamos na vanguarda pelo commercio estejamol-o pela agricultura.

Essa companhia depois de montada para a exploração commercial terá no Zaire vantagens enormes para a exploração agricola. Tem embarcações para transportes, tem gente acclimada, tem serviçaes entre as quaes deve ter escolhido os

proprios para a agricultura, e sobretudo tem tempo de escolher e adquirir os terrenos, estudar-lhe as aptidões de producção, escolher a mais vantajosa, e instruir-se e preparar-se para a explorar.

Qualquer outra companhia que vá directamente explorar a agricultura não tem nada d'isto, nem mesmo tem ainda exemplares agricolas que possa mandar estudar previamente.

Uma das producções que tem de dar grandes resultados parece-me poder desde já affirmar, que é a da sacharina, ainda que não seja senão para a sua transformação em alcool. A aguardente de canna é muito superior á que hoje importa toda a costa do norte, comparadas em graduação igual, e o indigena de toda a costa do norte em geral e em especial o das margens do Zaire e d'este rio até ao Chiloango, tem uma tendencia muito pronunciada para preferir a boa qualidade á grande quantidade. Esta tendencia chegou já a ser o facto consummado com relação a muitos objectos, que elle obtem dos negociantes a troco dos seus generos.

Já observei este facto com relação mesmo á aguardente; quando ella é superior em graduação, ou em qualidade conservadas iguaes as graduações, vi sempre preferir entre dóses de igual valor a de melhor qualidade ou graduação, apesar de pequena. A aguardente de canna, pois, habilmente fabricada e introduzida no commercio, desthronará a actual aguardente de Hamburgo, e proporcionará uma exploração optima.

Alem de tudo devo notar que o commercio da costa do norte, apesar de monopolisado pelas grandes casas, tende muito a equilibrar o valor das mercadorias com o dos generos, que as pagam, em virtude da concorrencia, que as grandes casas fazem umas ás outras na offerta de mercadorias em troca de generos.

Isto ha de produzir n'um futuro proximo o seu effeito, que é fazer descer os lucros do commercio até o ponto de não convidarem a continuação do seu exercicio, onde novas emprezas e de outra ordem darão resultados magnificos.

E quem andar na frente, se por um lado tem de pagar a aprendizagem, por outro tem esses lucros novos e as habilitações para continuar, quando ainda ninguem está habilitado para principiar.

Todas estas considerações foram colligidas e alinhavadas com a pressa de quem corre atraz de um bem que lhe foge, e praza a Deus que ellas possam fazer entrar no espirito alheio a convicção que assoberba o meu!

Parece-me que deixo ahi elementos para os nossos capita-

listas poderem fazer os seus calculos, e concluir que lhes convem entrar na empreza.

O governo de Portugal com o que sabe e com as poucas cousas novas, que eu porventura lhe diga, não póde deixar de concluir, que a organisação d'esta sociedade convem á riqueza publica, e sobretudo á dignidade e interesses politicos da nação. D'este ultimo ponto tratarei ainda em especial.

Todos os dados estatisticos que apresento foram tirados de informações, que tive o cuidado de colher em toda a parte e confrontar, fazendo discutir e apurar sempre a media rasoavel, de que me servi. Não estão de certo livres de erro os numeros que apresento, e nem outra cousa deve esperar-se, attentos os meios de que dispuz. Posso entretanto affirmar, que confrontei muitas informações e fil-as discutir para cada numero, antes de me resolver a acceital-a e escrevel-a.

CAPITULO IV

Os direitos de Portugal sobre o territorio, a que por brevidade tenho chamado e chamarei — Costa do Norte — são incontestaveis, e estão primorosamente demonstrados e defendidos contra a erudição de má fé e cubiçosa de todos os estrangeiros pelo visconde de Santarem, no seu livrinho *Demonstrações dos direitos de Portugal sobre os territorios de Molembo, Cabinda e Ambriz.*

Este livrinho deve ser elevado á altura do catechismo politico de Portugal. Devem lel-o todos os portuguezes das colonias para refrescarem a memoria e habilitar-se com resposta peremptoria aos sophismas dos estrangeiros, e devem lel-o todos os portuguezes da metropole para não se esquecerem de que os nossos maiores, com muito sangue e sacrificios, nos constituiram este patriotismo, que temos direito de fruir e obrigação de melhorar.

A respeito dos nossos direitos parece-me escusado dizer mais, e difficil me seria acrescentar alguma cousa.

Deve-se toda a publicidade ao precioso livrinho, e, como o interesse é publico, a iniciativa deve partir do governo. Mas o que é um direito de propriedade que não se exerce?

É um direito em risco de ser perdido, para o seu sujeito, quando outrem pela posse e pela prescripção chegar a investir-se d'elle. Póde sustentar-se isto por paridade, pelo menos, em harmonia com a legislação portugueza e direitos das gentes.

E Portugal tem deixado de exercer o seu direito de proprie-

dade na costa do norte desde alguns annos a esta parte. Felizmente a falta de exercicio não tem durado o tempo sufficiente para a prescripção, nem paiz nenhum o tem exercido ainda melhor que nós.

Quando os inglezes, os francezes, os hollandezes, os belgas, etc., nos disserem que civilisam pelo commercio ou pelas missões, nós podemos responder-lhes que tambem lá temos a missão do Congo, a instrucção religiosa de Santo Antonio, de Pinda no Sonho, e os cabindas christianisados por nós, que vivem entre o Zaire e o Chiloango; e ao argumento do commercio diremos que os portuguezes negociantes estão em maioria muito grande, e são os principaes agentes da civilisação do gentio por estarem mais em contacto com elle.

Defeza temol-a e boa por todos os lados, na actualidade ainda. Mas é preciso prevenir o futuro, e elle vae desde já mostrando que se não satisfaz com rhetorica. Se deixâmos continuar as cousas no pé em que estão, chegâmos fatalmente ao ponto de não podermos realisar o nosso direito, e quanto mais tempo nos demorarmos n'esta peccaminosa indecisão, mais nos approximâmos d'esse termo, e mais difficil será evitar a catastrophe.

A colonia de Angola tem vivido desde sempre sem vizinhos por todos os lados. Isto devia incutir-lhe habitos de descuido e perguiça, provenientes da falta dos estimulos da comparação e concorrencia.

A situação de Moçambique fazendo-lhe costas, por serem ambas propriedades do mesmo dono, devia augmentar ainda o mal. E assim succedeu.

Angola, que tem já quatro seculos de idade, é creança ainda para a sciencia, para a arte, para a industria e para o commercio. Se ella se conservasse sem vizinhos, e a tutela da metropole não fosse exercida com mais vigilancia, corria o perigo de voltar á selvageria primitiva, depois de absorvidos os elementos civilisadores, que por cá se têem empregado. Mas o mundo progride e os sertões vizinhos de Angola não podem ficar eternamente estacionarios.

O germen da vida nova está lançado já na Humpata, no Bihé, no Zaire e em Landana; e a Allemanha procura terrenos para a sementeira nas immediações do Matianvo. Se deixâmos formar e crescer colonias ao lado da nossa conservando-nos estacionarios, somos condemnados a ver constrangidos por ellas os nossos indefinidos limites. Ficaremos então possuidores sómente da zona do litoral, arida, insalubre e miseravel. Fugir-nos-ha todo o commercio sertanejo.

Ficaremos sem industria e tendo apenas para a agricultura

as lezirias infectas de alguns rios. A navegação fugirá da nossa costa, como o diabo da cruz. E a morte perseguindo-nos por todos os lados dar-nos-ha o ultimo golpe sobre as ruinas das nossas já de ha muito desmanteladas fortalezas!

Os boers vieram procurar-nos e nós recebemol-os com carinho paternal, installando-os na Humpata e dando-lhe meios de vida commoda e segura. Cumprimos o nosso dever de christãos e de homens civilisados, sobretudo; mas temos pensado só n'elles, pondo de parte todos os nossos interesses. Avise-nos do perigo o desastre do viajante, que segundo diz o apologo, acalentou a serpente entorpecida.

Os boers estão saturados de um vigor, que resistiu a mil provações, e são energicos, altivos e de caracter independente. Se estão atrazados no caminho da vida civilisada, têem a força sufficiente para galgarem de um pulo a distancia, que os separa d'ella.

Prudentemente aproveitados por nós, misturando-lhe uma colonia portugueza, superior em numero, que os absorva e assimile, os boers prestar-nos-hão o mais poderoso de todos os auxilios na colonisação e engrandecimento da provincia.

Deixados entregues a si e no goso do conforto, de que os cercámos, podem ser a causa de perda do districto de Mossamedes, de todo o paiz do Nano, a E. de Benguella, e... quem sabe de quanto mais?!

Vimos passar em Benguella para o Bihé, e ajudámol-a no seu transito, uma missão americana, que foi lá estabelecer-se. Não podiamos nem deviamos impedir-lhe a passagem, e era até justo e decente que a auxiliassemos, como auxiliámos. Mas devemos lembrar-nos de que as missões são um dos titulos que invocâmos para justificar os nossos direitos á costa do norte. Que esta idéa nos alumie e incite no caminho, que temos a seguir. Tambem vimos passar successivas expedições allemãs para leste de Malange, constando que ellas se propunham a creação de uma colonia lá para o Matianvo, como fim ultimo das suas explorações scientificas.

Da missão de Landana já fallei.

Vou agora dizer alguma cousa do que mais avulta e mais de perto diz respeito ao meu trabalho.

Quando Stanley fez a travessia de Africa, viu na bacia hydrographica do Zaire, completamente desaproveitado pela civilisação e inexplorado mesmo o local para uma grande colonia ou mesmo para um imperio respeitavel. E o seu genio emprehendedor não o deixou fruir no meio culto os bens adquiridos pelo arrojo e bom resultado da sua expedição.

Era-lhe preciso continuar e morrer, mesmo, no caminho da gloria!

Fez pactos secretos com o rei da Belgica, organisou uma expedição formidavel, á frente da qual se collocou, dirigiu-a ao Zaire.

Este grande rio provindo de uma latitude S. superior ao decimo grau, e da longitude approximada de 25 ou 26° E. segue por muito tempo o rumo geral do norte, depois vae inclinando para NO. até encontrar quasi o segundo grau de latitude N. e d'ahi continuando a curva começada e tomando o rumo de SO. vem ao Atlantico no 6.° de latitude S.

É navegavel durante todo este enorme trajecto com excepção do espaço cortado de cataratas, comprehendido entre Vivi ou Ielalla, que fica a 5° e 40′ latitude S. e 14° longitude E. e Stanley Pool, que está em 4° e 12′ S. e 19° E. approximadamente.

Para cima de Stanley Pool pela margem esquerda vae recebendo grandes confluentes desde o Cuango e Cassai até ao Lualaba, que todos atravessam regiões ainda não exploradas. Pela margem direita succede-lhe outro tanto.

Estes confluentes indicam pelo seu volume de agua e pela altitude, em que desaguam, ser navegaveis tambem, e por estas circumstancias e pela de se acharem muito proximos uns dos outros dão a esperança de ir encontrar na sua passagem paizes enriquecidos pela abundancia das chuvas.

A E. de tudo isto estende-se a rica região dos lagos, já conhecida em parte.

O Zaire offerece na foz um porto de primeira ordem com muitos fundeadouros proximos de terrenos devolutos, onde possam construir-se todas as edificações e mais obras necessarias ao seu trafego.

Tudo isto é sabido, principalmente depois que tiveram publicidade os trabalhos de Stanley.

Depois de vencidas por um caminho de ferro as 70 leguas furtadas á navegação pelas cataractas, fica toda essa extensissima região servida de viação commoda, poderosa e barata, e em communicação facil e rapida com todos os grandes centros do mundo civilisado.

Stanley víra tudo isto na sua passagem, e, como a região era desconhecida e sem patrono, quiz dar-lh'o fazendo d'ella uma colonia, ao passo que a posse a tornava productiva e util para a humanidade.

Estas são, segundo me parece, as causas geraes da expedição de Stanley.

Esta expedição é belga, e quasi toda composta de belgas.

Deve dispor de um capital enorme, como já tive occasião de dizer, e tem muitos homens da sciencia no seu seio. São todos ou quasi todos militares, e parecem ainda regidos pela disciplina militar. Estão distribuidos por muitos pontos nas margens do Zaire, desde Vivi até perto das suas nascentes. A estes pontos chamam estações.

Todas são pouco mais ou menos como as de Vivi, de que já dei rapida noticia. A de Stanley Pool pela sua situação e pela importancia, que desde já se lhe attribue, parece destinada a ser a capital de um grande imperio. As estações conservam as guardas avançadas de expedição ligadas sempre com a Europa, e fortalecidas e auxiliadas com todos os soccorros possiveis.

Todas vão alargando successivamente o circulo da exploração, percorrendo os rios, que lhe ficam proximos, estudando-lhe as condições de navigabilidade e as aptidões dos terrenos adjacentes, e entabalando relações com o gentio.

O grosso da expedição tem sido directamente commandado pelo proprio Stanley com o nome de expedição on secção *scientifica*, e uma pequena parte d'esta tem o nome de secção commercial. Para esta secção tem feito acquisição de alguns homens com pratica do commercio da costa em geral, e em especial do do marfim.

Pertence a esta secção a casa de Bôma, que já indiquei, e algumas outras que funccionam já, ou estão prestes a funccionar junto das estações pelo rio acima.

Todos os mezes chegam ao Zaire novos reforços de gente e meios para esta expedição colonial.

E nós de braços cruzados a ver o incendio lambendo já a testada do nosso predio!

A vida da provincia de Angola tem sido e é commercial. A agricultura principiante tem contra si, por ora, muitas adversidades, que só muito tarde e com melhoramentos importantissimos poderão mitigar-se e vencer-se.

Os melhores productos que Angola negoceia são o marfim, a cera e a borracha. Os outros são menos importantes, e só offerecerão lucros, emquanto o gentio não acabar de convencer-se, de que o tempo vale dinheiro, e o seu trabalho applicado á cultura da ginguba póde produzir mais em outra industria. Já temos exemplos d'isto nas margens do Quanza.

A cera, a borracha e o marfim têem sido explorados de um modo irracional e tendente a esgotar-lhes as fontes.

Os elephantes têem sido tão perseguidos, que hoje só apparecem lá para o coração de Africa, ou onde as caravanas e as explorações ainda não abriram relações do indigena com o

mundo civilisado. A cera tem-se colhido sempre sem cultura, extinguindo os enxames, e se um ou outro gentio colloca sobre uma arvore uma velha *sanga* ou uma casca em fórma de cylindro occo para a habitação de um enxame, podem os miseros hymenopteros ter a certeza de serem desalojados e mortos, logo que tenham construido e enchido os seus favos do appetecido mel.

A borracha foi tão barbaramente colhida durante os poucos annos, que tem durado a sua exploração, que hoje é difficil encontrar a planta de uma grande zona a partir do litoral em toda a região, que a tem produzido. Cortava-se pelo pé julgando que assim dava mais latex, e ainda se lhe arrancavam as raizes, impossibilitando-a de reproducção, para lhe tirar a sua pouca seiva pela compressão.

De maneira que estes ricos generos africanos procedem hoje das solidões inexploradas, e essas ficam muito longe, lá onde Stanley poz as suas vistas.

Os negociantes sertanejos e o gentio mesmo têem vencido essas enormes distancias com coragem e trabalho incalculaveis, por menosprezarem o tempo, não conhecerem outra caminho mais curto a seguir, nem outros *brancos,* que lhe comprem os seus generos a troco das ambicionadas fazendas. Nós não tinhamos vizinhos na costa occidental de Africa, nem para o norte, nem para o sul, que nos viessem fazer concorrencia. Nunca pensámos em abrir ao commercio caminhos seguros, commodos e baratos, assim como não tinhamos pensado em conservar-lhe as fontes. E as correntes commerciaes do interior, sempre incertas, indecisas e á mercê das guerras gentilicas ora derivavam mais pelo norte, ora mais pelo sul, ora appareciam imponentes e ricas, ora desappareciam pobres e perseguidas. Abriam-se mercados por mero capricho da sorte, em logares reprovados pela rasão, para florescerem e morrerem em curto periodo. Entabolavam-se relações com um potentado, que chegou a comprehender as vantagens d'ellas, para na viagem futura se ir encontrar no logar d'elle um outro que, por selvagem ou por supersticioso, perseguia os commerciantes, etc., etc.

E nós sem remediarmos nada d'isto. Mais ainda, sem pensarmos em assegurar e melhorar o litoral, para partirmos d'elle para o interior com a civilisação do seculo XIX!

Stanley viu isto tudo desde que fez a travessia da Africa, e pensou em aproveitar o que nós desprezámos.

Dirigiu-se ao Zaire, ali achou um portico grandioso que desde logo projectou emmoldurar no seu phantasiado edificio; appeteceu-lhe de certo apossar-se d'elle ao vel-o sem sentinel-

las. A ultima guarda posta ali pelo proprietario primitivo fôra levada pela cheia; mas os chacaes e as hyenas, que rondavam já o supposto moribundo, rosnaram, e elle passou sem lhe tocar.

Seguiu para E. consolando-se com a idéa — quem entra sempre sae. Transpoz com uma coragem inaudita os rapidos de Vivi no seu vapor de 18 milhas. O barquinho rodopiava nos turbilhões como um bogalho na cheia, obedecia com difficuldade á voz do seu dono, mas ia subindo. Os jorros enormes do Ielalla estavam-lhe pela prôa ameaçando tragal-o, e a jusante os rapidos de Vivi, segundo a opinião mais provavel, tinham sempre negado ingresso a qualquer barco aventureiro.

As margens alcantiladas eram muralhas sem portas, não havia accesso em toda a sua extensão. N'esse reducto de agua e pedra, insuperavel por todos os lados, o heroe cheio da satisfação intima de quem chega, onde jamais alguem chegou, toma posse da verdadeira *res nullius*, e exclamou, isto é meu! O seu grito foi perder-se nas zoadas do Ielalla, e então surgia de entre os cachões, em logar de todo inaccessivel, um pedregulho gigante tendo gravado, lá bem alto, o brazão de Portugal.

Era o castello inexpugnavel da coragem portugueza, era o protesto sereno e firme que do abysmo sonoro se levantava para bradar a Stanley: leva para E. os confins orientaes do teu imperio, que isto aqui ainda é dos portuguezes; vence-os em proveitos, se podêres, mas põe de parte a esperança de os exceder em coragem!

E o grande Stanley, humilhado, foi para E. E nós ficámos mudos e inertes como o padrão do Ielalla.

Quando chegou lá cima, já no planalto, onde o rio farto de mimos e descanso se alarga e espreguiça preparando-se para uma tarefa de saltos pelos asperos fraguedos, as solidões de S. a E., interceptando o nosso contacto, deram-lhe o desejado isolamento. O ruido das cataractas tinha abafado os echos da nossa fama.

O Gabão ficava-lhe muito longe para ONE., e pelo N. dormia o desconhecido. Aquelle logar, similhante a um coração estupendo, recebia de mil veias o sangue do movimento para o transmittir por uma só arteria á grande vida social.

Devia ser ali o sacrario das suas esperanças, porque elle depositou lá o nome com o affecto do creador para a creatura. Chamou-se Stanley Pool!

Ora grande parte da vida que vae animar esta futura ci-

dade pertence-nos actualmente a nós, porque ali descerá forçosamente todo o commercio dos valles do Cuando e Lualaba, e dos sertões intermediarios, o qual até aqui só se fazia pelo Bihè ou por Cassange com Benguella ou Angola. O pouco marfim que de lá derivava para os pontos comprehendidos entre o Quicembo e a Moculla, tambem será arrastado na torrente e descerá o Zaire.

Se não acudirmos a tempo, e conjurarmos esta calamidade imminente, podemos julgar a provincia de Angola na situação desesperada de um corpo que se esvae em sangue pelas arterias não laqueadas de uma amputação desastrada. E com o sangue vae-se a vida!

Vamos depressa postar-nos na embocadura do Zaire para evitarmos a amputação e estudarmos o remedio que nos livre da morte. Vamos occupar a costa do norte! É difficil por ser tarde; mas nós herdámos as tradições gloriosas de muitos heroes e a voluntariedade diplomatica de alguns estadistas de talento, e temos obrigação de honrar essas memorias venerandas.

Temos o dever de luctar pela vida, porque ainda estamos vivos, e emquanto ha vida ha esperança. Occupemos a costa do norte e não cedâmos nem um palmo de terreno comprehendido nos nossos direitos reservados. Exige-o a nossa politica e aconselha-o a ethnographia.

Do que eu tenho dito já posso concluir, que a occupação parcial de Loge até ao Zaire não impede o mal que está imminente; mas acresce ainda que ella o augmenta. É verdade que nós temos da ponta do Padrão até á povoação de Pinda ou ao sitio do Covento, um logar para o desenvolvimento de uma cidade. Ficava-lhe em frente e já do lado de dentro do rio a magnifica bahia de Santo Antonio, que ainda hoje é o que era para os nossos galeões; um porto amplo, seguro e commodo. Mas esta cidade seria um umbral só da grande porta do Zaire, e o outro com o vão d'ella ficaria para os estrangeiros, que abusariam da partilha e da vizinhança. Mas esta cidade nem teria agua boa e abundante, nem seria a cabeça de um paiz de campinas, ameno, salubre e colonisavel. Mas esta cidade, emfim, seria a melancolica espectadora da prosperidade alheia, eternamente condemnada a ver passar diante de si os trens da opulencia, que a salpicariam da ignominiosa lama!

Do Zaire até ao Loge, na zona da beiramar, os terrenos são aridos e em geral pobres de tudo. São o mesmo que d'ali para o sul: musseque cortado aqui e alem por um pequeno rio, que vem de longe, e só mantem a vegetação no valle onde

chegam as suas aguas. O que são estes terrenos dil-o a zona de entre Quanza e Bengo, ou de entre Bengo e Dande.

A região que a E. confronta com Este; onde começa o desnivel para o planalto, é montanhosa e coberta de vegetação arborea gigantesca: é a continuação de Cazengo, Golungo-Alto, Dembos e Encoge. E estes pontos já são de mais para esgotarem a nossa força e aptidões para a cultura do café e similhantes. De maneira que, occupando só desde o Loge até ao Zaire, não conseguimos nenhuma das vantagens da occupação da costa do norte; e acabâmos de esterilisar os nossos esforços agricolas, se quizermos distribuir por toda a região os meios e as forças, que temos concentradas do Loge e Encoge para o sul.

Os estrangeiros comprehendem bem isto, e por isso estão sempre promptos a confessar que do Zaire para o sul tudo é nosso, e a negar que tenhamos alguma cousa do Zaire para o norte. Mas o que elles dizem exprime um sentimento vil e nada mais. Precisâmos absolutamente do pedaço que vae do Zaire ao Chiloango, não só porque com elle obrigâmos a passar-nos por casa todo o futuro commercio do Stanley, mas e principalmente porque aquelle é o territorio, que mais commodamente podemos colonisar em toda a provincia de Angola.

Se não nos preparâmos para a occupação, antes de colonizada a colonia de Stanley, temos depois mais essa difficuldade a vencer. E afigura-se-me que não será a mais pequena. A região comprehendida entre o Loge e o Chiloango é povoada por uma só tribu, dividida em tres familias: Congo, Mussorongo e Cacongo. Attestam-n'o a lingua, os usos e costumes, a legislação, as superstições, a organisação da familia e a antiga organisação politica.

A familia do Congo propriamente dita ainda hoje occupa o territorio, em que estava, quando a conhecemos. Estende-se desde o Mossulo que lhe fica ao S. até ao Sonho, que lhe fica a NO.; alcança as margens do Zaire a E. do Sonho, e alarga-se para E. até encontrar a Ginga. Hoje nem todos os regulos do Congo se conservam na dependencia do rei do Congo. Têem-se ido emancipando successivamente, e a importancia do rei do Congo é actualmente pouca e igual, ou talvez mesmo excedida pela de alguns outros.

Elle é mais considerado pelo mundo civilisado do que pelos indigenas, e isto por causa da missão de S. Salvador, que tem chamado a attenção das vistas estrangeiras e attrahido mesmo para lá a missão protestante e alguns negociadores. Mas o contacto da civilisação que devia levantar o rei do Con-

go, dando-lhe força e dirigindo-o no caminho do progresso, tem sido uma das principaes causas da sua decadencia, porque o tem effeminado e amollecido com o systema dos presentes, principalmente depois que tivemos estrangeiros a fazer-nos concorrencia ás suas boas graças. O rei e a sua côrte perderam a antiga tempera e os habitos de viverem com os seus recursos. D'aqui resultou a emancipação de muito regulos suffraganeos.

Mas estas desmembrações não são tão antigas que tenham quebrado o laço de irmandade que existia entre os povos, que conservam a mesma lingua, usos e costumes, etc.

A familia mussorongo occupa o territorio marcado na carta do marquez de Sá com nome de Sonho. Esta familia estava ainda na sujeição do rei do Congo quando elle se constituiu vassallo de Portugal e tinha por chefe um dos titulares da côrte do Congo, creados por el-rei D. Manuel.

A familia mussorongo é talvez mais intelligente e corajosa que a do Congo propriamente dita. Têem apparecido n'ella em todos os tempos regulos e principes muito atrevidos para comnosco, mesmo depois de severamente castigados. Os mussorongos que habitam as margens do Zaire até Ponta da Lenha pelo norte e até ao Sacara N'baco pelo sul, são ainda hoje velhacos e temiveis. Têem organisação e aptidões proprias para viverem nos pantanos das margens e ilhas do Zaire, e são habilissimos em conduzir as suas pirogas. Póde considerar-se sua capital a povoação de Pinda perto do antigo convento de Santo Antonio. No convento e nas feitorias portuguezas de Pinda aprenderam elles desde o seculo xv a considerar os portuguezes como homens superiores, mas em todo o caso homens apeados da reputação extraordinaria, sobrehumana, que a superstição gentilica attribuia aos *brancos*. A sua lingua, uso e costumes, etc., fazem pequenissimas differenças dos do Congo, propriamente dito. Alguns regulos mussorongos vivem ainda na margem direita do Zaire até Ponta da Lenha, mas os seus estados não eram alem das lezirias e ilhas do rio, e vê-se que o estabelecimento d'elle é recente, porque todas as grandes solemnidades têem logar na outra margem, para onde se transportam em pirogas com esse fim. Estão n'estas circumstancias o Nemelau, Ne Tone e outros.

A familia de Cacongo (esta palavra parece ter origem portugueza Cá Congo, a quem do Congo) estende-se desde as margens do Zaire até Bôma, para norte até ás margens do rio Chiloango ou Cacongo, confinando a E. com os povos de Maiombe. Comprehendem-se nos Cacongos os Cabindas e os Molembos, que occupam os logares, que lhe estão mar-

cados na carta do marquez de Sá, mas são conhecidos em geral todos pela designação de cabindas.

A familia cacongo é effeminada e irresoluta, talvez pela acção emoliente do meio paradisiaco, em que vive. Em caracteres anthropologicos parece, á simples vista, não ser inferior a nenhuma das outras duas. Tem ha muito tempo contacto comnosco, e está muito trabalhada pela nossa influencia. A vizinhança de uma praia extensa, piscosa e livre de temporaes creou-lhe habitos da vida maritima.

E estes exercitados a bordo das nossas embarcações de guerra e cabotagem, tornando-lhes mais continuo e extenso o contacto comnosco habilitaram-os para os officios mechanicos.

Em Cabinda apparecem lavadeiros, cozinheiros, alfaiates, carpinteiros, pedreiros, ferreiros, tanoeiros, etc., com facilidade.

Será difficil precisar a epocha, em que a familia Cacongo se emancipou do dominio do rei do Congo, mas esse dominio e suzerania existiu com certeza, porque ainda hoje nas grandes solemnidades existem ceremonias que indicam a dependencia, e as tradições d'ellas estão vivas ainda. A lingua e as superstições apresentam algumas pequenas differenças, mas as differenças da linguagem indicam mais o dialecto, do que a lingua diversa. Qualquer preto do Congo que nunca tivesse ouvido fallar um cabinda entende-o, quando o ouve, e vice-versa.

Nas superstições nunca fui attrahido por uma cousa nova para mim que me não conduzisse á crença e ritos communs a todas as tres familias.

De sorte que estes povos, que hoje nos apparecem desunidos, são irmãos. As pequenas differenças ethnographicas e anthropologicas talvez que ali se notam poderão de certo attribuir-se á diversa natureza dos meios em que vivem.

A similhança que elles têem uns com os outros, a sua indole e aptidões facilitam muito, como é obvio, a nossa colonisação e administração. A occupação portanto deve ser inteira e continua, desde o Loge até Chiloango, se quizermos attender ao conselho da ethnographia. Mas deve tambem realisar-se sem perda de tempo. Cada companhia, cada negociante estrangeiro ao estabelecer-se na costa do norte, contemplando a opulencia da região e nosso abandono, sente impetos de a entregar ao seu governo para que a explore e colonise. E até ha uma companhia, que parece ter phantasiado ali um estado independente, governado por ella! Esta gana porém tem-se desvanecido sempre diante dos numero-

sissimos cunhos da nossa propriedade. Mas a cubiça incita-as, e o nosso descuido faz-lhe negaças.

Aventuraram um ou outro piparote, que ficou impune, e a impunidade anima-os. Chegam até suppor-nos na agonia do nosso calvario, e jogam dados sobre a nossa tunica! A feitoria hollandeza de Banana, tão prodiga em salamaleques e cumprimentos, não sauda os navios de guerra portuguezes, que fundeam ali, içando-lhe a sua bandeira, senão a troco das 7 libras extorquidas leoninamente por um empregado seu, que serve de piloto da barra. Quando algum navio nosso demanda o porto, sem pedir pratico, ella, a grosseirona, não o vê. Se é de outro paiz o navio, que demanda a barra, inglez por exemplo, então o caso é outro: iça bandeira; limpa talheres e alfaias; abre a sua casa e prepara casacas, gravatas brancas e luvas finas para uma recepção pomposa. Faz-lhe falta uma farda de galões brancos, aquella rainha da comedia. O seu caixeiro mór arranjou o titulo de «tio» para se assimilhar, naturalmente, ao imperador de todas as Russias a quem os subditos chamam «pai». Pois este tiosinho (eu não quero chamar paisinho para não offender a sua modestia) deu ordem para que seja negada entrada, informações e auxilios de qualquer natureza em todos os seus dominios. E eu, está claro, fiquei aniquilado. Não pude estudar; não pude ver nada; nem mesmo pude chegar a descobrir este segredo de gabinete!

Este facto demonstra apenas alem de um odio pueril, ridiculo e esteril, que em Loanda, ou não sei onde, houve um portuguez indiscreto, não sei até que ponto.

O medico da missão ingleza, *Livingston Congo Inland Mission*, disse-me abocanhando a lingua de Victor Hugo, que os portuguezes não possuiam um palmo de terra ao norte do Zaire. Foi castigado da blasfemia no proprio dia que a proferiu, porque foi obrigado, como já disse, a tomar de arrendamento, por 54$000 réis annuaes, para construir um armazem, 900 metros quadrados de terreno d'aquelle que eu tinha descoberto dentro da ilha, que por esse motivo ficou designada pelo meu appellido.

Agora vou mandar-lhe um exemplar em francez do livrinho do visconde de Santarem, para elle aprender historia de Portugal e lingua franceza.

Os inglezes não se descuidam de tramar contra nós. Já apontei o facto do fornecimento das armas e meios ao principe de Cabinda, em hostilidades contra outro que nos era affeiçoado, a trôco só da *insignificancia* de levantar a bandeira ingleza nos seus estados. Vi-a lá quando lá fui.

Elles fazem pagamentos em shillings e libras com uma teimosia, que a final vae sendo coroada de bom exito, e distribuem gratuitamente illustrações inglezas, só para obrigar o indigena a desaprender a contagem das macutas e a familiarisar-se com a lingua ingleza.

Elles contam aos cabindas e aos mossorongos historias *curiosissimas* para nos apearem do pedestal da gloria, em que ali somos ainda conservados.

Elles e os demais estrangeiros vão dizendo já com reservada intenção, que a costa do norte será definitivamente occupada e possuida pelo paiz, que mais trabalhar para a civilisar, etc., etc.

Mas tudo isto é pensamento e obra puramente particular, e por isso pouca importancia tem, segundo me parece. Porém o governo de Sua Magestade deve saber mais alguma cousa, que eu não tenho competencia para dizer-lhe. E isso deve estar em harmonia com o seguinte facto.

Não sei de nojo como o conte.

Em certo dia de um dos ultimos annos veiu fundear na embocadura do Zaire uma esquadra. Vinha fazer conselhos de guerra com execuções capitaes, ou cousa que o valha. Concluido o serviço, no fim de dois ou tres dias, começaram a destroçar os navios, ficando a final um só fundeado em frente do Padrão.

Ia alta já uma esplendida noite de luar, quando os murmurios da praia foram subjugados pelo repetido estrondear do canhão.

No dia seguinte appareceram de menos o navio e...o padrão!!!

Este monstruoso sacrilegio teve testemunhas.

O portuguez Manuel Joaquim de Oliveira, ha muitos annos estabelecido no Zaire, assegurou-me que presenceou o crime, apontando-lhe muitas testemunhas vivas ainda e que com o auxilio de um oculo de alcance pôde do seu mirante da Moanda na vespera do attentado ver fluctuar em toda a esquadra, e no navio sacrilego, a bandeira ingleza!!!

Agora dizem os roteiros que o padrão, levantado por Diogo Cam em 1484 e reconstruido posteriormente duas vezes, fôra a final levado por uma cheia...

É tempo de correrm os em defeza da nossa propriedade!

Nem os nossos interesses nem a epocha nos aconselham o emprego das armas. Nem o caso será para tanto. Os indigenas não foram nem são rebeldes, e os estrangeiros tentaram apenas ver se a propriedade estava abandonada para a utilisarem.

Devem ser outros os nossos meios a empregar. Habilitemo-nos a entrar em pleito com a certeza de o ganharmos pela evidencia da nossa justiça, e chamemos a elles todos os que têem perturbado ou aggredido os nossos direitos para os convencermos, de que são nossos e queremos fruil-os.

Depois não tornemos a dar aso no futuro, a que um descuido nosso venha obrigar-nos a sustentar nova questão internacional.

Temos a historia e temos o direito a nosso favor. Já é muito.

Mas nós podemos e devemos ter mais.

Precisâmos de mostrar que na actualidade fazemos alguma cousa pela nossa propriedade, para respondermos tranquillos áquelles, que estão promptos a esgotar os seus thesouros para sustentar a questão contra nós. Sejamos prudentes e economicos na escolha d'esses meios e empreguemol-os sem perda de tempo.

Vamos depressa, que, se formos já, podemos entrar em competencia com qualquer nação rica, sem receio, empregando apenas insignificantes meios. Mais tarde teriamos de combater o oiro com oiro; e n'esse campo... ai de nós!

Envolvâmo-nos mais directamente na vida d'aquelle rico paiz. Vamos atar o fio quebrado e quasi perdido das nossas tradições, e não tornemos a perdel-o.

Agora já temos de evitar os azedumes provenientes da cobiça alheia contrariada, e por isso somos obrigados a segredo, prudencia e disfarce.

Empreguemos tudo isso.

Fundemos a missão da Moanda para civilisar o indigena e colonisar o paiz.

O governo sabe melhor do que eu, se lhe convem ouvir o bispo do Gabão, e em que termos lhe fallará.

Organisemos a companhia portugueza para libertarmos os portuguezes do jugo do commercio estrangeiro, para corrigirmos a vaidade e o abuso das grandes casas, e para dominarmos e civilisarmos pelo commercio. João Luiz da Rosa é o depositario do terreno que escolhi para ella. Quando se organise e o terreno lhe seja necessario elle o entregará pelo preço do custo. Obrigou-se a isso por documento que está em meu poder á disposição do governo.

Aproveitemos desde já as boas disposições estrangeiras e fundemos na margem esquerda da foz do Zaire, no local onde esteve o padrão, uma estação de pilotos, para serviço dos navios portuguezes e dos estrangeiros, que não quizerem ser extorquidos pelo empregado da feitoria hollandeza.

Esta estação deve substituir o antigo padrão com vantagem para nós. Ao menos teremos ali quem venha dizer-nos a que alvo se dirigem as balas dos navios de guerra da nossa fiel alliada.

Esta estação poderá ficar sendo uma dependencia da estação naval de Angola, até que o venha a ser da capitania dos portos da provincia.

Logo depois de fundada a estação de pilotos póde começar a tornar-se util, e sympathica mesmo para todos os commerciantes do Zaire em geral, encarregando-se do correio e dividindo esse trabalho com o portuguez João Ferreira de Abreu, que actualmente está encarregado d'isso. A nossa politica lucra porque a instituição do correio que entrou sem caracter official, e foi bem acceita, porque é util, passa a ser repartição do correio inteiramente publica e dependente da central de Loanda. Não digo mais nada sobre a organisação da estação de pilotos, porque ou a estação naval ou a capitania dos portos sabem melhor o que têem de fazer, do que eu saberia indicar-lh'o.

Introduzamos a nossa moeda metallica, a de prata principalmente, em toda a costa do norte, e com especialidade desde o Zaire até ao Chiloango inclusivè para destruirmos o pessimo effeito e grande mal que nos está fazendo a moeda ingleza de prata.

Se os cabindas não fossem tão frequentadores de Loanda, já não conheciam a nossa moeda, porque lá, no seu paiz, só lhe apparecem shillings. Isto é vergonhoso e prejudicial para nós!

Estude a questão quem tiver competencia para isso, mas resolva-se sem perda de tempo, se convem introduzir a nossa moeda, tal qual circula no continente, ou se será melhor cunhar outra para a provincia, espalhe-se por ali immediatamente.

A companhia que se organisar será um auxiliar poderossissimo para conseguir esse fim, e ella deve prestar-se a isso. Póde tambem concorrer para isso a missão, os paquetes portuguezes e a estação de pilotos.

Consiga-se que os paquetes portuguezes vão immediatamente tocar em Banana. Elles lucram muito em passagens e fretes. O movimento de passageiros é já hoje muito grande d'aquelle ponto para a Europa e maior será quando os paquetes portuguezes lá vão, porque as viagens dos paquetes inglezes são muito demoradas e incommodas, e alem d'isso os nossos paquetes offerecem aos passageiros do Zaire mais conforto e economia. Os portuguezes da costa do norte não

farão as suas viagens senão em paquetes portuguezes; e aos missionarios inglezes e aos empregados de Stanley ouvi muitas vezes dizer, que suspiravam a vinda dos paquetes portuguezes para fazerem viagens mais rapidas e amiudadas á Europa. Os hollandezes reconhecem tambem as vantagens dos paquetes portuguezes, para elles e para a empreza, mas parece-me desejar fazer o sacrificio d'esse interesse para impedir a importancia que elles nos vão dar no Zaire. Esta effectivamente deve ser muito grande para nós, porque elles vão encurtar a distancia e pôr a descoberto a importancia do Zaire, alimentando a curiosidade e o patriotismo da metropole com noticias frequentes e detalhadas, que darão completa idéa do que elle é. E logo que seja conhecido o Zaire e o territorio de Cabinda e Molembo, devemos ter aberta para ali uma corrente espontanea de emigração, que em breve nos assegure a posse effectiva de toda a costa do norte.

Devemos, sem perda de tempo pelos meios, que apontei, ou por outros que pareçam melhores, tentar a nacionalisação das missões catholicas francezas, pretextando n'ellas uma escola pratica para os nossos missionarios.

Introduzir-lhe-hemos missionarios portuguezes, que nunca mais as abandonarão, e depois, a pretexto de qualquer necessidade urgente ou grande, enviaremos padres francezes, já *nacionalisados,* exercer as suas funcções nas missões fundadas por nós. Com isto absorveremos os missionarios francezes e faremos abortar direitos futuros, que elles estão já creando para a França.

Isto póde fazer-se sem manifestação das nossas intenções reservadas, ou, pelo menos, sem que alguem possa chamar-lhe actos de occupação, apesar da cubiça e vigilancia dos estrangeiros. E ninguem dirá que eu aconselho a Portugal ou á provincia de Angola sacrificios grandes ou inuteis.

Depois de feito tudo, suscitaremos o pleito, chamando a elle todos os implicados na questão, e podemos ter a certeza de vencer, não só pela nossa justiça, mas principalmente pela abstenção reciproca, a que as grandes nações serão obrigadas pelo respeito e temor uma das outras.

Não tive á minha disposição, para o presente estudo, senão a costa do norte, que percorri, as informações que pude obter e apurar, e a analyse e confrontação dos factos e objectos observados.

Não me foram fornecidos nenhuns documentos, nem outros meios, pelos quaes eu podesse saber a historia da questão até á actualidade; nem me é dado commungar nas altas regiões

politicas ou diplomaticas. Portanto ignoro qual seja lá o estado da questão da occupação da costa do norte.

Mas prezo-me de ser portuguez, e por isso, para me guiar no campo das instrucções que recebi, fui-me inspirar nas gloriosas tradições de Portugal e no amor da patria.

Nem mesmo eu posso comprehender como a nação portugueza, que é pequena e tem muito que fazer em casa, deva ir trabalhar só pela humanidade, sacrificando os seus filhos e a si proprio.

O que seria ir civilisar os indigenas de entre Loje e o Chiloango, sem com esse facto desejar conseguir a occupação da costa do norte? Era uma calamidade muito complexa, onde avultariam erros e prejuizos capazes de fazer perder Angola, dando-nos o epitheto de loucos. Derivando para lá as nossas forças, deixavamos de occupar e civilisar o Mossulo, os Dembos, a Quissama, etc., defraudavamos a civilisação dos nossos concelhos sertanejos, e até das povoações importantes e da capital da provincia, porque já não são de mais os nossos recursos para tanto, e iamos crear e armar contra nós e á nossa porta um inimigo, sem termos em casa armas para nos defendermos d'elle. Era entregar a nossa força aos estranhos, para morrermos de braços quebrados. Era uma loucura! Já fizemos muito pela humanidade, mas temos ainda muito que fazer por ella, antes de lhe sacrificarmos a vida!

A protecção aos portuguezes por lá existentes, no caso de não occupação, tambem não deve ser mais prompta e efficaz do que a que se dá aos que vivem n'outros pontos da costa e do mundo, onde ella é precisa. É a justiça que assim o manda. Não podia portanto deixar de attender ao que me pareceu ser o interesse politico de Portugal.

Foi dominado por estas idéas que eu, sempre que visitei portuguezes em feitorias portuguezas ou estrangeiras, os confirmei na fé e animei na esperança de que Portugal iria finalmente tomar posse da propriedade e melhoral-a.

As confidencias foram feitas em dóse compativel com a prudencia dos que as recebiam. A graduação das dóses foi-me necessaria, não porque encontrasse falta de patriotismo em portuguez nenhum, mas porque alguns prejudicariam as suas boas intenções manifestando pela patria um amor ignorante, imprudente ou violento mesmo.

Usei da prudencia que me fôra recommendada e das reservas que me pareceram convenientes, e com ellas colliguei todos os portuguezes para servirem a patria, e dei-lhes por chefes, no Zaire, João Ferreira de Abreu, e em Landana e Chiloango, João José Rodrigues Leitão. O primeiro é meu

conhecido de ha muitos annos: posso garantil-o como cidadão patriota, commerciante honrado, habil e instruido e como homem de bem. Do segundo tive em toda a parte as melhores informações, para poder affirmar o mesmo.

Deixei-os encarregados, a cada um no seu respectivo districto, de manter os portuguezes todos colligados no desejo e na esperança da nossa occupação da costa do norte; de vigiarem as intenções e obras dos estrangeiros, dando parte para o governo geral da provincia de tudo o que lhes parecer digno d'isso, e de proporem ao mesmo governo as medidas que lhes parecerem uteis para manter e augmentar o nosso prestigio, para proteger os portuguezes e para frustrar os planos das nações cubiçosas.

Obriguei-os, sob palavra de honra, a serem discretos, prudentes e tolerantes para com os portuguezes e absolutamente reservados para com os estrangeiros. Elles acceitaram gostosamente o encargo e prometteram-me desempenhar-se o melhor que lhes fosse possivel.

Devem mandar-se-lhes alguns exemplares em portuguez do livrinho do visconde Santarem para elles distribuirem pelos portuguezes.

Fiz sentir a urgencia, e dei o conselho da pressa, na realisação dos meus projectos, quando elles mereçam approvação. Não podia por isso deixar de o seguir eu mesmo na organisação d'este relatorio.

Para não perder tempo alinhavei durante os ultimos dias, com os meus apontamentos á vista, o que para ahi fica escripto, sem systema nem arte. Mas eu desejo sómente ser comprehendido, e se o for, considero-me felicissimo.

Durante a narração expuz o estado das questões que encontrei para resolver entre portuguezes e estrangeiros ou indigenas, e o que fiz no desempenho das minhas instrucções relativamente a esse ponto. Falta-me só fallar dos serviçaes, e sobre elles pouco tenho a dizer.

A costa do norte foi, como o resto da costa de Africa, viciada pelo infame trafico da escravatura. Do Zaire e de outros pontos d'ella saiam muitos navios carregados de victimas d'esse grande desvario social.

Tive occasião de ver escondidos no fundo do bosque, nas immediações da foz do grande rio, os vestigios antigos de alguns depositos de escravos, e constou-me que existiam n'outros pontos, para comprovação do que affirmo. Hoje, porém, esses depositos estão em ruinas ou desappareceram, e os traficantes ou expiaram as culpas nas prisões da provincia, da Europa e da America, ou se regeneraram pelo trabalho licito

norte em geral e em especial d'entre Zaire e Chilvango inclusivè não poderiam hoje obter dos povos vizinhos para o seu serviço escravos nas antigas condições.

Mas elles tambem não o desejam, porque conseguem que os naturaes lhes vão fazer serviço a salario, e este fica-lhes por preço mais modico. O preto da costa do norte em geral e especialmente o cabinda, pelo grande contacto que tem tido comnosco trabalhando como livre, chegou já a adquirir um certo numero de necessidades que não póde satisfazer sem continuar a trabalhar, e isso obriga-o a ir procurar trabalho no seu paiz ou fóra d'elle.

E o mesmo vae acontecendo aos mossorongos e aos muxicongos, que procuram servir a jornal em casa dos negociantes, e vão ali trabalhar ao lado dos kurumanos, sem que estes se honrem, nem elles se deshonrem com isso. N'estas condições comprehende-se bem que o negociante prefira ser servido, quando precise, pagando o respectivo jornal, a ter sempre em casa os serviçaes com o encargo de os sustentar, vestir, tratar em doença, etc., para só trabalharem uma semana em cada mez, ou tres mezes em cada anno.

Antigamente, quando os negociantes não tinhma vizinhos e os indigenas ainda não estavam domesticados, eram frequentemente necessarios os kurumanos para defeza das feitorias.

Esta necessidade vae desapparecendo a passos tão grandes que dá esperança de em breve desapparecer de todo. O kurumano portanto tende a desapparecer na costa do norte. Mas será necessario providenciar para proteger os que existem? Do que fica exposto já me parece poder concluir-se que não. Mas ha mais. Os patrões depois que os indigenas começaram a prestar-lhes serviços, viram logo que estes lhes eram mais uteis, que os dos kurumanos e para os attrahirem alliviaram quanto poderam o serviço dos kurumanos, deixaram de empregar os castigos barbaros para os sujeitar e compellir ao trabalho e começaram até a dar-lhe um pequeno pagamento.

Este facto produziu bom resultado nos sentimentos quasi amortecidos d'estes infelizes, e promoveu-lhes uma grande elevação. Os patrões logo em seguida começaram a dedicar verdadeira estima aos que se distinguiam, e a consideral-os livres para os effeitos dos pagamentos e outros. E assim chegaram os serviçaes da costa do norte ao estado a que logrou eleval-os em Angola a legislação portugueza, por influencia d'ella, mas sem a intervenção directa dos magistrados e dos regulamentos. Portanto os optimos resultados colhidos até

hoje aconselham que para o futuro continuem a ser empregados os mesmos meios, até que alguma necessidade imprevista venha determinar o emprego de outros.

Nenhumas modificações tenho a aconselhar na legislação da curadoria geral, para protecção dos serviçaes da costa do norte.

Deus guarde a v. ex.ª Loanda, 8 de setembro de 1882. — Ill.mo e ex.mo sr. conselheiro governador geral. = O juiz de direito da primeira vara de Loanda, (Assignado) *Francisco Antonio Pinto.*

Está conforme. Secretaria do governo geral em Loanda, 8 de novembro de 1882. = O secretario geral interino, *Manuel Vidal de Castilho.*

hoje aconselham que para o futuro continuem a ser empregados os mesmos meios, até que alguma necessidade imprevista venha determinar o emprego de outros.

Nenhumas modificações tenho a aconselhar na legislação da curadoria geral, para protecção dos serviçaes da costa do norte.

Deus guarde a v. ex.ª Loanda, 8 de setembro de 1882. — Ill.mo e ex.mo sr. conselheiro governador geral. = O juiz de direito da primeira vara de Loanda, (Assignado) *Francisco Antonio Pinto*.

Está conforme. Secretaria do governo geral em Loanda, 8 de novembro de 1882. = O secretario geral interino, *Manuel Vidal de Castilho*.

Hoover Institution Library
3 6105 070 113 530

DT65
P56
1663

Hoover Institution Library
3 6105 070 113 530